UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

TRABALHANDO OS MAPAS GEOLINGUÍSTICOS

Bolsista: Bryana Connie Linda Lopes Batista, FAPEAM

MANAUS
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PIB-H/0002/2014

TRABALHANDO OS MAPAS GEOLINGUÍSTICOS

Bolsista: Bryana Connie Linda Lopes Batista, FAPEAM
Orientador: Profº Dr. Orlando da Silva Azevedo

MANAUS
2015

AGRADECIMENTOS

À Deus antes de tudo e, sobretudo que permitiu a concretização dessa jornada.

À Minha Família, que me acompanha e me incentiva em todos os momentos dessa caminhada.

À Universidade Federal do Amazonas pelo incentivo à pesquisa.

Ao professor Doutor Orlando da Silva Azevedo pela paciência nas orientações e colaborações para a realização desse projeto.

Ao Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM pelo apoio financeiro durante a execução desse projeto de pesquisa.

Aos meus amigos que mesmo estando longe ou perto contribuem para o meu crescimento acadêmico e profissional.

RESUMO

A geografia linguística é um método usado nas pesquisas dialetais, devido a sua praticidade em mostrar as variações linguísticas por meio da representação cartográfica. Este estudo mostra que os mapas geolinguísticos são ferramentas importantes para o pesquisador estudar a linguagem nas diferentes dimensões como, por exemplo, diatópicas (lugar geográfico), diageracional (entre falantes mais novos e mais velhos), diagenérica (entre homens e mulheres), diastrática (falantes com graus de escolaridade diferentes), entre outros. Além disso, a pesquisa mostra também representações cartográficas sob a perspectiva mono, bi, tri e pluridimensional; e cartas semântico-lexicais sobre o falar amazonense constantes na literatura local e na vertente pluridimensional.

Palavras Chave: Dialetologia; Região Amazônica; Mapas.

LISTA DE SIGLAS

AFBAM	Atlas dos Falares do Baixo Amazonas
ALAC	Atlas Etnolinguístico do Acre
ALAM	Atlas Linguístico do Amazonas
ALAP	Atlas Linguístico do Amapá
ALCE	Atlas Linguístico do Ceará
ALES	Atlas Linguístico do Espírito Santo
ALESP	Atlas Linguístico do Estado de São
Paulo ALF	Atlas Linguístico da França
ALFARiN	Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio
Negro ALiAC	Atlas Linguístico do Acre
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALiMA	Atlas Linguístico do Maranhão
ALiMAT	Atlas Linguístico do Mato Grosso
ALiPA	Atlas Geo-sociolinguístico do Pará
ALiPE	Atlas Linguístico do Pernambuco
ALiPI	Atlas Linguístico do Estado do Piauí
ALiRN	Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte
ALiRO	Atlas Linguístico de Rondônia
ALiSon-Rio	Atlas Linguístico-sonoro do Estado do Rio de
Janeiro ALiSPA	Atlas Linguístico Sonoro do Pará
ALMS	Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul
ALPB	Atlas Linguístico da Paraíba
ALPR	Atlas Linguístico do Paraná
ALPRII	Atlas Linguístico do Paraná II

ALS	Atlas Linguístico do Sergipe
ALS II	Atlas Linguístico de Sergipe II
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
EALMG	Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais
Micro-AFERJ	Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de
Janeiro QFF	Questionário Fonético-Folológico
QSL	Questionário Semântico-Lexical

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Mapa dialetal segundo Antenor Nascentes 8

Mapa 2 - Situação dos Atlas Regionais Brasileiros 10

Mapa 3 - Situação atual dos Atlas brasileiros (set.2013) 10

Mapa 4 - Localização da região da pesquisa 17

Mapa 5 - Localização dos municípios de estudo na região metropolitana de São Paulo 17

Mapa 6 - Pontos de pesquisa 18

Mapa 7 - Mapa-base 19

Mapa 8 - Mapa fonético-fonológico 20

Mapa 9 - Carta Fonética 13 21

Mapa 10 - Carta Semântico-Lexical 19. 21

Mapa 11 - Carta Fonética 1 representando a dimensão monodimensional 22

Mapa 12 - Carta Semântico-Lexical 2 representando a dimensão bidimensional 23

Mapa 13 - Cartograma Semântico-Lexical 112. Representação tridimensional 23

Mapa 14 - Representação pluridimensional 24

Mapa 29 - Arealização no Amazonas e Pará 42

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Dimensões e parâmetros utilizados na pesquisa de Margotti (2004)..... 13

Quadro 2 – Cronograma do Projeto de pesquisa em estudo. 31

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....7

1. FUNDAMENTAÇÃOTEÓRICA 8

2. ELEMENTOS DE UM CARTOGRAMALINGUÍSTICO 16

2.1 Dados linguísticos: o elemento principal docartograma.....20

3. ANÁLISE DAS DIMENSÕES DOS MAPASGEOLINGUÍSTICOS 22

3.2 Mapas pluridimensionais sobre o falar amazonense.....24

3.2 Cartas semântico-lexicais do falar amazonense.....25

3.3 Arealização em nível lexical ou em nível fonético em algumas localidades doestadodo Amazonas e do Pará 41

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....43

FONTES E REFERÊNCIAS.....44

INTRODUÇÃO

A geografia linguística oferece um poderoso instrumento para a visualização da variação da língua: os mapas linguísticos. No Brasil, Amaral (1920), Nascentes (1953), Brandão (1991), Cardoso (1994) e outros pesquisadores deram suas contribuições para que esse método pudesse atingir muitos estágios de pesquisa na área da dialetologia, entre eles a construção do Atlas linguístico do Brasil- ALiB. O presente estudo tem como objetivo geral mostrar que os mapas geolinguísticos são ferramentas importantes para o pesquisador que estuda a linguagem nas dimensões diatópicas, diageracional, diagenérica, diastrática, entre outros. Além disso, busca-se apontar os componentes de um cartograma linguístico, apresentar os mapas de várias dimensões produzidos em Teses e Dissertações no Brasil, verificar se ocorre arealização em nível lexical ou em nível fonético em algumas localidades do Estado do Amazonas e do Pará, finalizando com a elaboração de mapas pluridimensionais sobre o falar amazonense constante na literatura local. A pesquisa é de natureza bibliográfica, em que é feito o levantamento de dados nas teses e dissertações que utilizam cartas geolinguísticas. O estudo almeja colaborar com a pesquisa dialetal no estado do Amazonas, onde ainda existem inúmeras línguas na região, contatos linguísticos entre português, espanhol e línguas indígenas, que são passíveis de estudos na vertente dialetológica ou sociolinguística. Para a consolidação dos estudos dialetais no Amazonas, é necessária a continuação das pesquisas iniciadas por Corrêa (1980), Cruz (2004) e Azevedo (2013). O relatório final encontra-se dividido em fundamentação teórica, desenvolvimento da pesquisa e considerações finais.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estudo dialetológico é o estudo dos dialetos. Seu método de pesquisa é feito mediante a utilização de questionários previamente elaborados e aplicados em

um ou em vários lugares. Além disso, para mostrar a variação linguística são usados mapas geolinguísticos, os quais foram confeccionados na elaboração de Atlas linguísticos municipais, estaduais, regionais e nacionais.

> No Brasil, tivemos uma expansão nas últimas décadas do número de atlas regionais. Os mapas dialetais são bastante utilizados porque possibilitam a visualização de tendências conservadoras ou inovadoras, formas arcaicas ou novas no espaço mono ou pluridimensional no que diz respeito às variantes fonéticas e morfossintáticas, variantes semântico-lexicais, fraseologias, atitudes linguísticas, crenças, preconceitos, comportamentos, usos linguísticos, percepções e competências, e dados sociológicos. (AZEVEDO, 2013, p. 90-91).

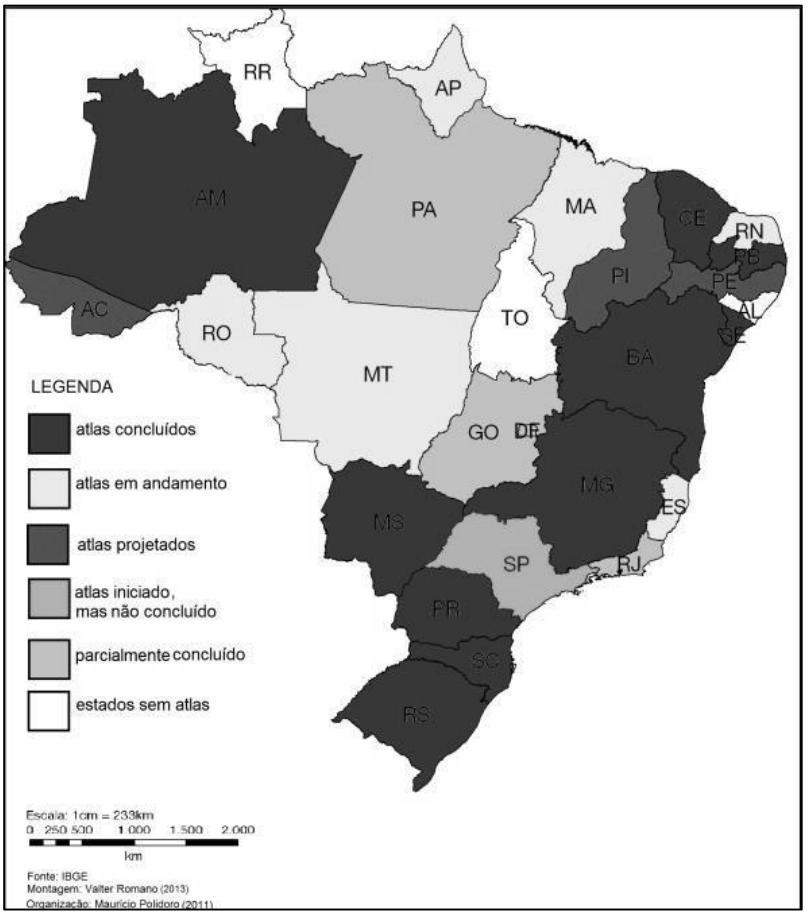
Os estudos geolinguísticos no Brasil iniciaram na década de 60, todavia a sistematicidade dialetal remonta à década de 20 inicialmente com a publicação do livro *O Dialeto Caipira* (1920) do Amadeu Amaral, conforme aponta Romano (2013). O primeiro mapa dialetal surgiu como proposta, fruto dos estudos de Antenor Nascentes em 1953, que dividiu o território nacional em seis subfalares: amazônico, nordestino, baiano, mineiro, fluminense, sulista, divididos em norte e sul, além disso, um território incaracterístico. Conforme mapa 1 abaixo:

Mapa 1 - Mapa dialetal segundo Antenor Nascentes FONTE: Azevedo (2013)

Quanto à geolinguística brasileira, a fase que vai do período de 1953 a 1996 “caracteriza-se, principalmente, pelo surgimento dos trabalhos geolinguísticos, com a elaboração de atlas de diferentes estados da Federação” (ROMANO, 2013, p. 206) e a que compreende do período de 1996 até os dias atuais “refere-se aos trabalhos dialetais desenvolvidos a partir do momento em que o Projeto ALiB deu início às suas atividades” (ROMANO, 2013,p. 206). A publicação do Projeto Atlas Linguísticos Brasileiro (Projeto ALiB) em 1996 marca os estudos geolinguísticos em dois momentos: a primeira fase anterior ao ALiB, prioriza em sua maior parte a dimensão diatópica, mas também apresenta outras dimensões, como a diagenérica em alguns atlas. A segunda fase apresenta influências metodológicas do ALiB, por isso os trabalhos geolinguísticos posteriores caminham para uma descrição pluridimensional “agregando à dimensão diatópica (geográfica) outras dimensões da variação como, por exemplo, a diagenérica (sexo), diageracional (idade), diafásica (estilo), entre outras variáveis extralinguísticas que começam a tomar espaço na metodologia destes atlas” (ROMANO, 2013, p. 219). Com base em Cardoso e Mota (2012) o projeto desenvolve- se no âmbito da variação linguística, especificamente na área da Dialetologia, utilizando os métodos geolinguísticos, para o mapeamento dos fatos da língua em atlas linguísticos. Os mapas 2 e 3 mostram o andamento dos atlas brasileiros e seus avanços:

Mapa 2 - Situação dos Atlas regionais brasileiros.

FONTE: Romano (maio, 2013)



Mapa 3 - Situação atual dos Atlas brasileiros (se.2013).

FONTE: Romano (maio, 2013)

> Portanto, a Geolinguística brasileira conta, hoje, com 13 atlas estaduais concluídos (APFB, EALMG, ALPB, ALS, ALPR, ALiSPA, ALS II, ALAM,
> ALMS, ALPRII, Micro-AFERJ, ALCE e o Atlas Semântico-Lexical do estado de Goiás) quatro destes, até o presente momento, não publicados, o ALAM, o ALPR II, o Micro-AFERJ, o Atlas Semântico-lexical do estado de Goiás. Tem-se ainda um atlas regional concluído, o ALERS, e sete atlas estaduais em andamento (ALES, ALiMAT, ALiRO, ALiPA, ALiMA, ALiRN, ALAP). Somam-se ao panorama da Geolinguística brasileira quatro atlas estaduais projetados (ALiSon-Rio, ALiPE, ALiPI e ALiAC) e dois atlas interrompidos (ALESP e ALAC). (ROMANO, 2013, p. 230).

Como é possível observar, os estudos geolinguísticos estão ganhando espaço no âmbito da linguagem, atualmente o Brasil encontra-se somente com dois estados sem atlas linguístico.

Apesar de ser considerada por muitos um bloco homogêneo, a língua apresenta cada vez mais indícios da sua heterogeneidade e dinamismo, mostrando-se cada vez mais viva e em constante evolução. Brandão (1991) elenca que o homem usa a língua conforme a sua tradição, ou seja, tudo aquilo que foi transmitido para ele, mas que mesmo assim passa pelo processo de renovação. A língua é a forma como o ser humano expressa seus pensamentos, suas relações, seu mundo, é a forma como estabelece suas relações com outros indivíduos, ela apresenta variantes que são condicionadas por fatores sociais como idade, sexo, classe social, estilo de fala, entre outros. Brandão (1991) aponta que ao falar, o indivíduo passa além da mensagem transmitida, expondo para seu interlocutor uma série de dados como a possibilidade da identificação do seu idioleto e seu enquadramento em determinado grupo.

A dialetologia apresenta como ponto de estudo a variação linguística e os estudos em geografia linguística contribuíram e ainda estão contribuindo para a amplitude desse estudo. Com o advento da geografia linguística, tornou-se realizável a elaboração de atlas dialetais, e assim ela vai caracterizar o método mais significativo de registro e análise da diversidade da língua, em mapas geolinguísticos. Dependendo dos fatos linguísticos a serem estudados, Coseriu (1954) citado por

Cristianini (2007, p.100) esclarece que se podem utilizar alguns tipos de mapa, entre eles: mapas fonéticos, mapas lexicais, mapas propriamente linguísticos, mapas sintéticos, mapas pontuais e mapas análogos. Desde a publicação do Atlas lingüístico da França (ALF) pelo suíço-francês Julles Gilliéron em 1902,

> As cartas linguísticas mostraram-se bastantes eficientes no tratamento e análise de dados com rapidez, praticidade, economia, além da visualização de macrotendências no espaço mono, bi e pluridimensional (AZEVEDO, 2013, p. 84).

A dialetologia tradicional apontou apenas para a variação linguística na perspectiva diatópica e por isso foi chamada de monodimensional, afinal, só descrevia as variantes em um ou mais pontos. Todavia a dialetologia ofereceu novos horizontes para o estudo do dialeto e incluiu em sua metodologia, novas dimensões para a comparação e aprofundamento, com base em fatores sociais, estudados pela sociolinguística. E essa nova vertente da dialetologia foi chamada de dialetologia pluridimensional.

Para amplitude e sistematicidade do assunto, ocorre uma relação de estudos entre a dialetologia e a sociolinguística, surgida na década de 60, pois não bastavam somente os estudos superficiais diatópicos, como a dialetologia monodimensional preconizava, mas

> [...] torna-se imperativo, por exemplo, incluir, entre os critérios de escolha dos indivíduos, que servirão de informantes para a formação do corpus de um atlas linguístico, variáveis como idade, sexo, nível de instrução ou mesmo a situação econômica (BRANDÃO, 1991, p. 26).

A dialetologia atualmente utiliza

> a metodologia, que vai encontrar suas bases na Dialetologia Pluridimensional contemporânea, que, além de priorizar a dimensão diatópica, vai se fazer valer dos avanços que a nova realidade dos espaços e de sua ocupação imprimiram à metodologia dos estudos dialetais, considerando também outras dimensões, como a diageracional, diagenérica, diastrática, diafásica. (CARDOSO; MOTA, 2012, p.859)

Um exemplo de aplicação do método geolinguístico na modalidade pluridimensional está na tese de Margotti (2004) que tem como tema a “Difusão

sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil". Margotti utilizou em sua pesquisa as dimensões e parâmetros descritos no quadro 1 abaixo:

Dimensões	Parâmetros	
Diatópica	Nova Palma/RS, Caxias do Sul/RS, Sananduva/RS, Sarandi/RS, Orleans/SC, Rodeio/SC, Chapecó/SC, Videira/SC.	
Diatópica-cinética	Colônias Velhas	Caxias do Sul/RS e Nova Palma/RS
		Rodeio/SC e Orleans/SC
	Colônias Novas	Sananduva/RS e Sarandi/RS
		Chapecó/SC e Videira/SC
Diazonal	Falantes do meio rural (R)	
	Falantes do meio urbano (U)	
Diageracional	Geração de 15 a 30 anos (GI)	
	Geração de 45 a 60 anos (GII)	
Diastrática	Falantes com nenhuma até 8 anos de escolaridade (Esc1)	
	Falantes com mais de 8 anos de escolaridade (Esc2)	
Diassexual	Falantes do sexo masculino (M)	
	Falantes do sexo feminino (F)	
Dialingual	Descendentes de imigrantes italianos bilíngües (ITA)	
	Descendentes de luso-brasileiros monolíngües (LUSO)	
Diafásica	Conversa livre (C)	
	Questionário (Q)	
	Leitura (L)	
Diarreferencial	Referências metalingüísticas e epilingüísticas	

Quadro 1 – Dimensões e parâmetros utilizados na pesquisa de Margotti(2004).
FONTE: Margotti (2004).

A partir disso, são obtidas informações além dos dados linguísticos, por meio da comparação dessas dimensões, permitindo então, uma análise mais complexa e completa.

> A *"nouvelle géolinguistique"*, a que se refere Thun, buscava unir ao princípio da diatopia, pelo qual se vem regendo a Dialetologia desde os seus primórdios, princípios sociolinguísticos que, juntando-se ao primeiro, vão ensejar cartas linguísticas que permitem ao leitor não só saber onde se diz tal coisa, mas que tipo de falante — homem-mulher, jovem-velho, escolarizado-não escolarizado— é responsável por aquele enunciado. (CARDOSO; MOTA, 2012, p.860).

Estudar a variação linguística por meio da perspectiva pluridimensional é ir além da análise superficial diatópica, mas ampliar o campo de observação e aprofundar os estudos linguísticos, levando em consideração não apenas os dados geográficos, mas os aspectos sociais, propostos pela sociolinguística.

2. METODOLOGIA

No período de Agosto a Outubro de 2014, o projeto dedicou-se para a pesquisa bibliográfica, em que foram realizadas várias pesquisas sobre o assunto, incluindo leitura de livros, artigos, teses, dissertações.

No período de Novembro a Janeiro de 2015 foi realizado o levantamento de dados do que iria compor a pesquisa. Foram levantados vinte e um trabalhos, entre teses, dissertações e organizações produzidas no Brasil. Alguns estão disponíveis na internet, outros foram encontrados na biblioteca da Universidade Federal do Amazonas-UFAM. Confira a lista abaixo:

Teses

a) A constituição do léxico norte mato-grossense na perspectiva geolinguística: abordagens sócio-semântico-lexicais. (PHILIPPSEN, 2013);

b) Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no baixo amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM). (AZEVEDO, 2013);

c) Atlas Linguístico do Amazonas. (CRUZ, 2004);

d) Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar. (SILVA, 2012);

e) Atlas linguístico do Paraná. (AGUILERA, 1994);

f) Atlas Semântico-Lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba- municípios do Litoral Norte de São Paulo. (ENCARNAÇÃO, 2010);

g) Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC. (CRISTIANINI, 2007);

h) Atlas Semântico-Lexical da Região Norte do alto Tietê (ReNat)-São Paulo. (SOARES, 2012);

i) Atlas semântico-lexical do Estado de Goiás. (AUGUSTO, 2012);

j) Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil. (MARGOTTI, 2004);

k) O Falar do caboco amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves. (CORREA, 1980).

Dissertações

a) A realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá. (MAIA, 2012);

b) Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARiN. (JUSTINIANO, 2012);

c) Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM. (BRITO, 2010);

d) Esboço do Atlas do falar dos Nipo-Brasileiros do Distrito Federal: aspecto semântico- lexical. (TAKANO, 2013);

e) Estudo sociogeolinguístico do município de Iguape: aspectos semântico-lexicais. (SILVEIRA, 2009);

f) O léxico guiratinguense na perspectiva dialetológica: aspectos semântico-lexicais. (VIOLA, 2010);

g) Um perfil lexical do português falado em comunidades quilombolas em Barreirinha (AM): um estudo dialetológico. (BARBOSA, 2013);

h) A realização das variantes palatais 'lh' e 'nh' nos municípios de Itapiranga e Silves (parte do Médio Amazonas). (TORRES, 2009).

Organizações

a) Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (ALMS). (OLIVEIRA, 2007);

b) Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. (RIBEIRO, 1977).

Outro levantamento de dados foi para a confecção dos mapas pluridimensionais em que foi utilizado *corpus* que fizeram parte da coleta, por meio de questionário, para a tese de Azevedo (2010), mas que ainda não tinham sido organizados em cartas. Os pontos de inquérito foram divididos em duas regiões: Baixo Amazonas e Médio Solimões. A primeira região conta com dois pontos de inquérito que é Igarapé do Juruti-velho e Juruti-velho (vila). A segunda com sete pontos de inquérito: Anamã, Coari, Codajás, vila de Itapeuá e as comunidades do Ariri, no Coari grande, Saubinha no km 13 da estrada Coari-Itapéua e as comunidades da Costa da Juçara. Em cada uma foram entrevistados oito informantes, para escolha deles foram adotados os critérios faixa etária e gênero do Atlas Linguístico do Brasil-ALiB, os quais seguiam duas faixas etárias: uma de 18 a 30 anos e outra de 50 a 65 anos. Quanto ao sexo: quatro homens e quatro mulheres em cada ponto do inquérito. Quanto à escolaridade foi estabelecido um grupo para analfabetos ou alfabetizados até a 4ª série e outro para acima da 4ª série. Além desses critérios foram levadas em consideração a profissão e a naturalidade, ou seja, se eram próprios da localidade. Os dados recolhidos estavam no Excel (2010), alguns tiveram que ser rescritos, devido a algumas falhas técnicas no aplicativo. As cartas foram confeccionadas no Power Point (2010) e aperfeiçoados no Paint. Os gráficos dos dados montados nas cartas foram realizados no Excel (2010).

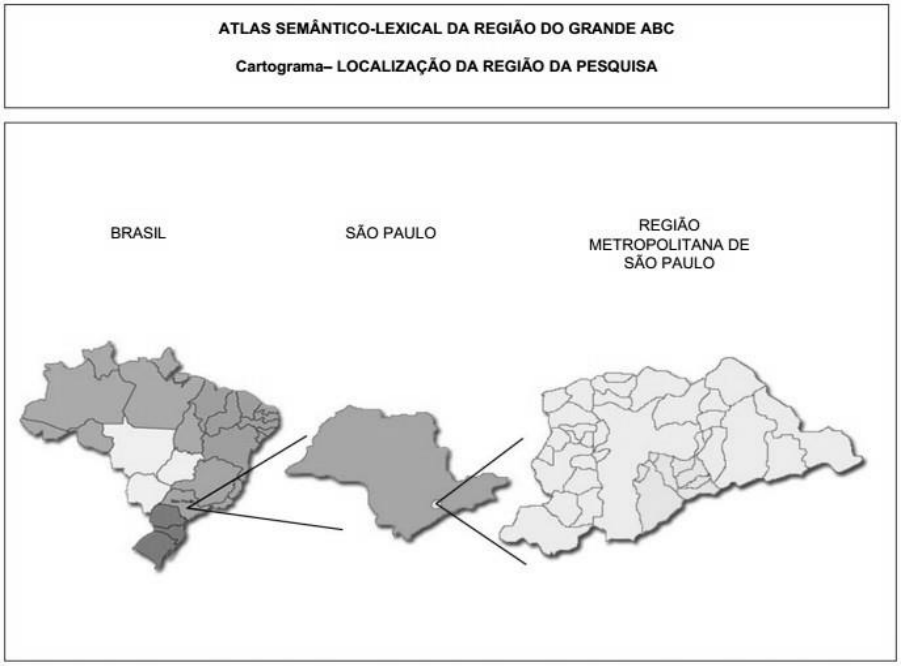
O mês de Fevereiro de 2015 foi disponibilizado somente para a análise dos dados levantados. O período de Março a Abril de 2015 foi disponibilizado para a elaboração dos cartogramas. Os meses Junho e Julho foram disponibilizados para

elaborar e revisar o relatório final.

3. ELEMENTOS DE UM CARTOGRAMA LINGUÍSTICO

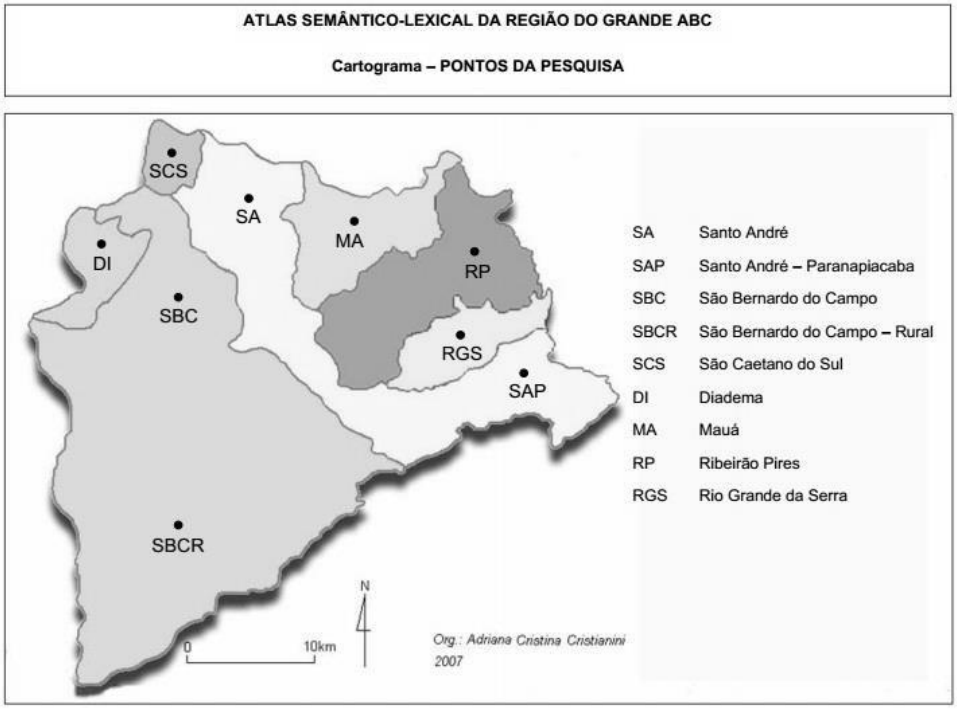
Apesar de muitos utilizarem o termo *mapa* e outros utilizarem o termo *carta*, Cristianini (2007) foi quem inicialmente no Brasil utilizou o termo *cartograma* em sua tese de doutorado, após consultas a dicionários e especialistas, ela afirma que o termo remete mais ao conteúdo que será colocado no interior do mapa, e não especialmente as divisas territoriais. Para ocorrer à existência de mapas geolinguísticos, primeiramente é necessária a interdependência entre três etapas: coleta-transcrição-cartografia, ou seja, após a coleta de dados, o pesquisador fará uma transcrição, uma análise, um tratamento desses dados para então, chegar à cartografia.

Todo mapa constituído para análise das variações linguísticas, precisa ter um mapa- base, descrevendo exatamente os limites políticos, acidentes geográficos, indicações de topônimos, coordenadas x e y, escala de tamanho, orientações norte-sul, zoom de áreas do mapa, localização e identificação dos pontos de inquérito. Esses pontos permanecem inalterados e são importantes para a cartografia linguística, como podemos identificar nos mapas 4, 5 e 6 a seguir:



Mapa 4 - Localização da região da pesquisa.
FONTE: Cristianini (2007)

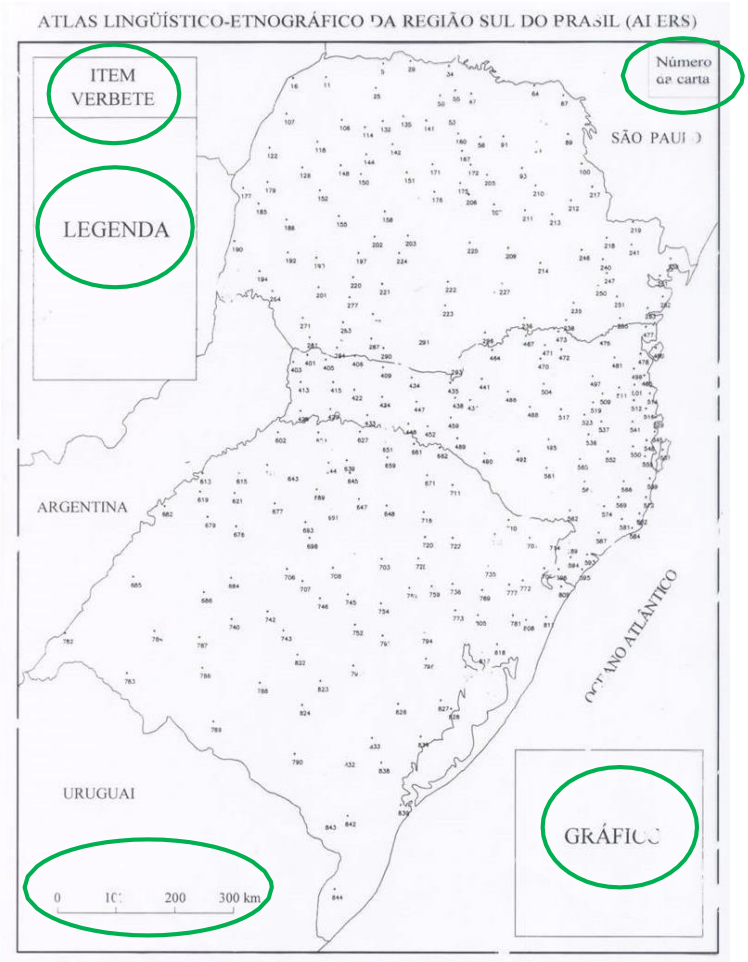
Mapa 5 - Localização dos municípios de estudo na região metropolitana de São Paulo. FONTE: Cristianini (2007)



Mapa 6 - Pontos de pesquisa
FONTE: Cristianini (2007)

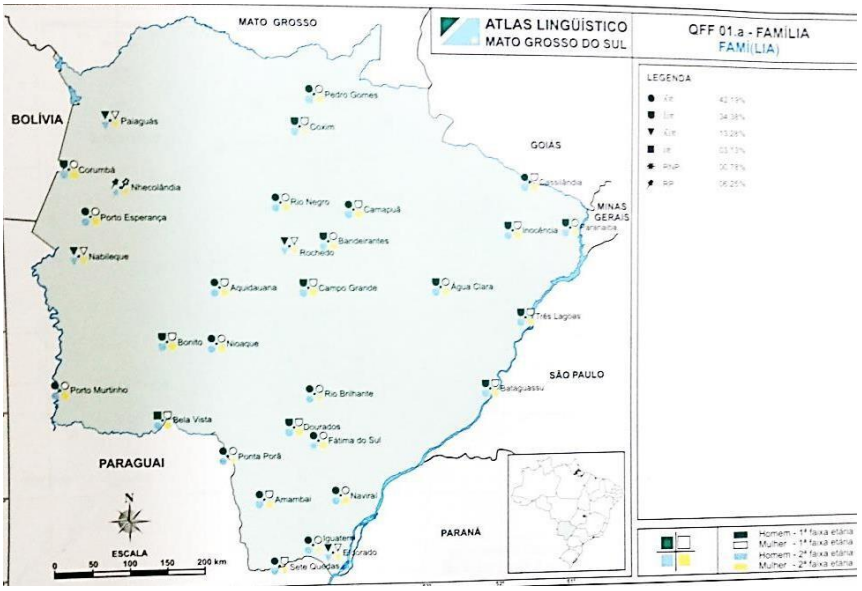
Além desses dados, existem outros que mudam e dizem sobre o que está sendo mapeado, como: legenda, título, número, símbolo, informações adicionais,

autoria e data, e as cores também são bastante significativas nos cartogramas linguísticos. A disposição dos elementos no mapa pode ser resultado de software desenvolvido para criação de cartogramas linguísticos ou programas de computador, sendo então produzidas de forma artesanal.



Mapa 7 - Mapa-base
FONTE: Atlas linguístico-etnográfico da região sul do Brasil – ALERS (2002)

Nos mapas que apresentam dados verticais é exposta uma cruz em cada ponto e cada compartimento da cruz pode representar o gênero sexual, a idade, zona, entre outros. Como mostra o Mapa 8 abaixo:



Mapa 8 - Mapa fonético-fonológico.
FONTE: Atlas Linguístico Mato Grosso do Sul (2007)

3.1. DADOS LINGUÍSTICOS: O ELEMENTO PRINCIPAL DO CARTOGRAMA

Brandão (1991) aponta que conforme os objetivos do pesquisador, as cartas – devidamente numeradas- podem registrar:

a) as variantes de um fonema ou as variantes fonéticas do significante de um vocábulo;

b) as palavras que correspondem a um mesmo conceito, independente de sua variação fônica;

c) as variações de um determinado traço morfológico;

d) as variações de uma determinada estrutura sintática;

Quanto à forma de apresentação de dados, Brandão (1991) afirma que as cartas podem ser:

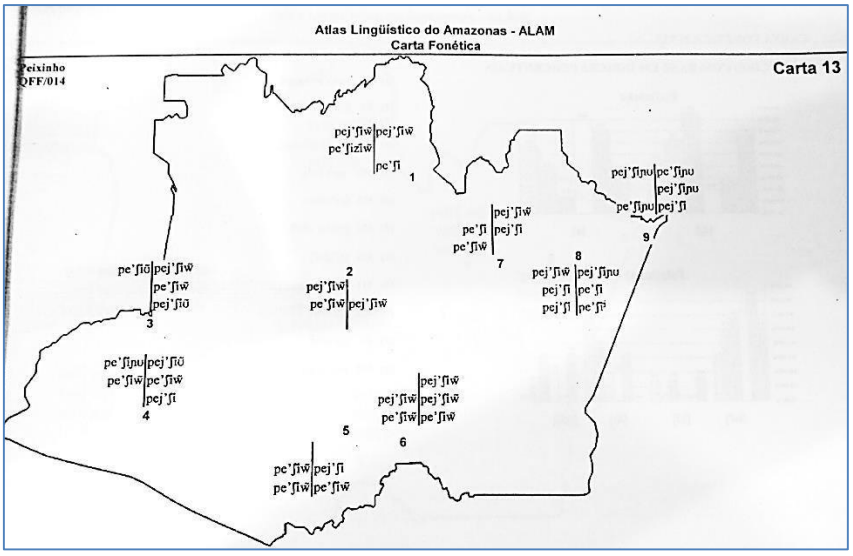
a) pontuais, quando em cada ponto, se transcrevem as formas recolhidas;

b) sintéticas, quando, após análise, se reúnem, por zonas, as formas semelhantes documentadas;

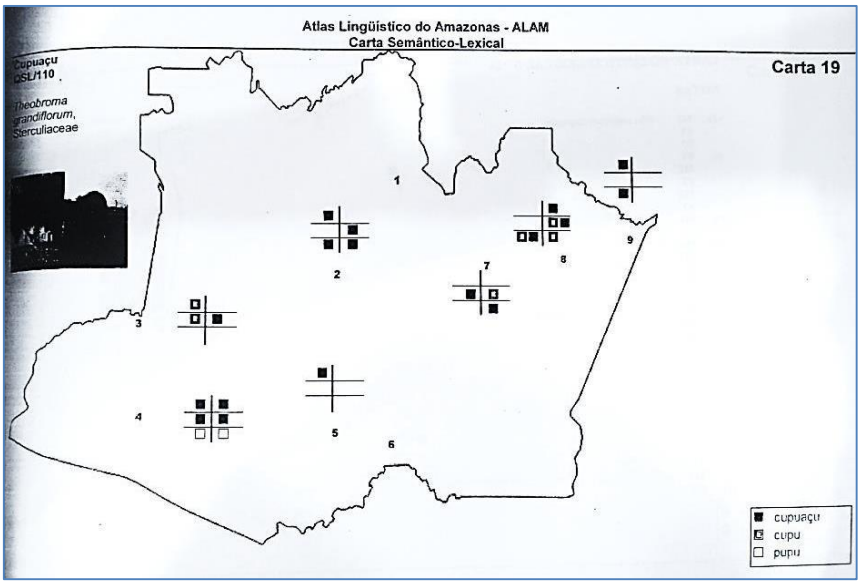
c) mistas, quando se assinala, com um símbolo próprio, cada variante, sem no

entanto, se apresentar, em detalhe, cada segmento fônico obtido.

Cruz (2004) apresenta cartas fonéticas pontuais-também chamadas de analíticas, pois transcreve as formas recolhidas do vocábulo *peixinho* (QFF/014), conforme Mapa 9 e utiliza cartas semântico-lexicais mistas, pois assinala com um símbolo próprio, cada variante do vocábulo *cupuaçu* (QSL/110), como mostra o Mapa 10, abaixo:



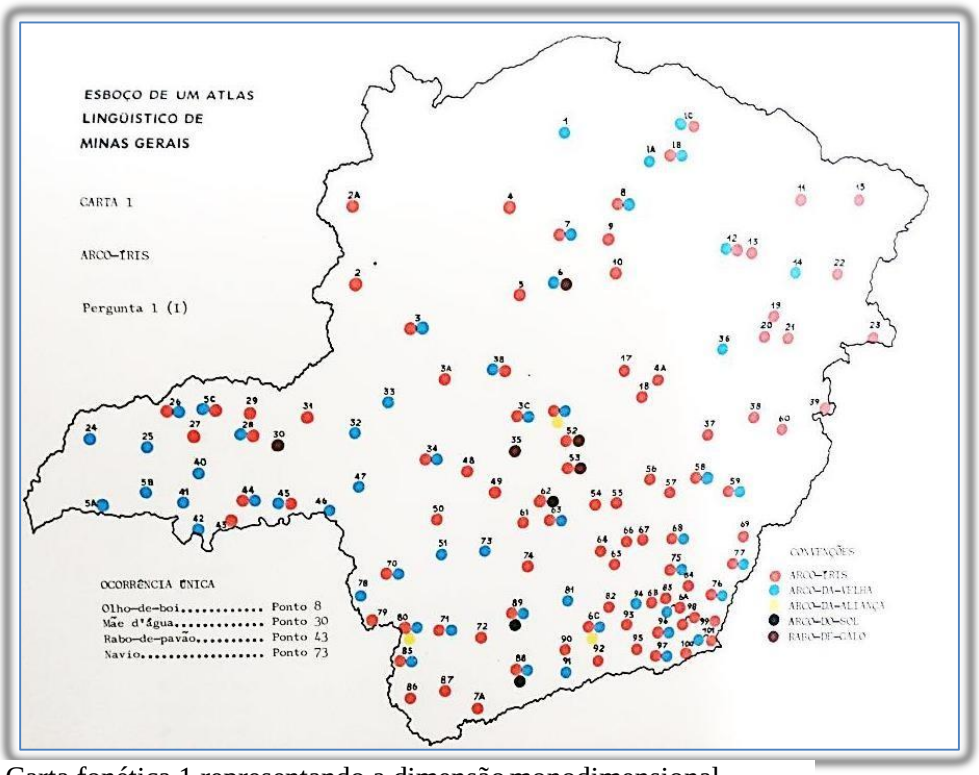
Mapa 9 - Carta Fonética 13
FONTE: Altas Linguístico do Amazonas (2004).



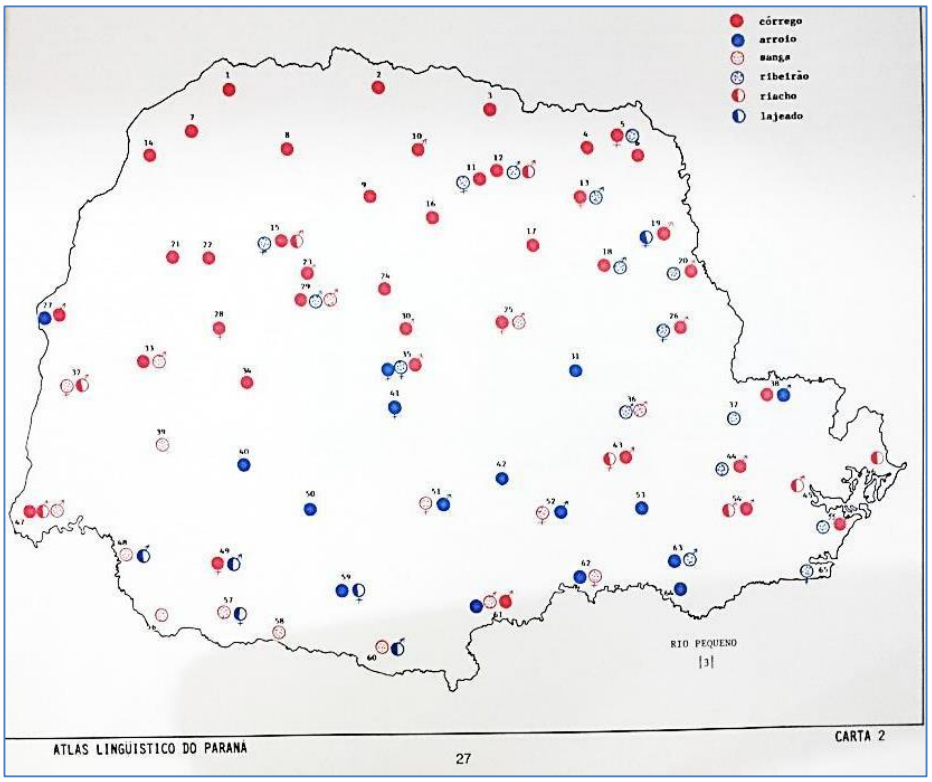
Mapa 10 - Carta Semântico-Lexical 19. FONTE:
Atlas Linguístico do Amazonas (2004).

4. MAPAS PLURIDIMENSIONAIS SOBRE O FALAR AMAZONENSE E PARAENSE

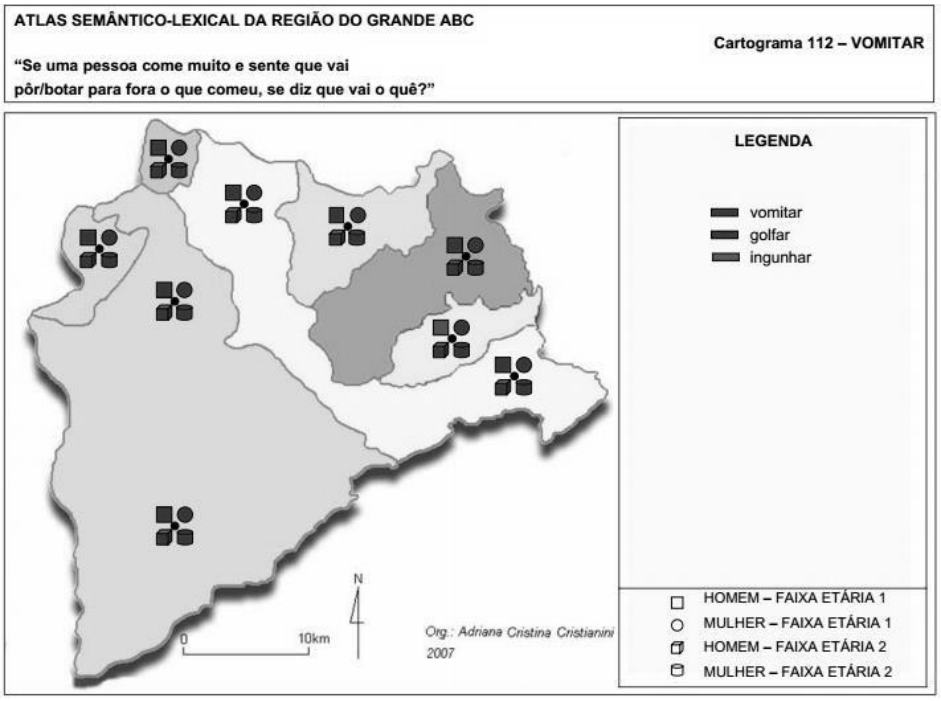
Com base nos estudos desenvolvidos na dialetologia, os mapas foram evoluindo e atualmente são produzidos de várias dimensões em teses e dissertações. Margotti (2008) aponta que os mapas monodimensionais são detalhamentos de simples arealização, só utilizam a dimensão diatópica, nos mapas bidimensionais ocorre uma arealização dos dados e quantificação, utilizam a dimensão diatópica e a diastrática, os cartogramas tridimensionais levam em consideração três dimensões e o pluridimensional apresenta mais de três dimensões. Confira as dimensões mono, di, tri e pluridimensional abaixo nos Mapas 11, 12, 13 e 14 respectivamente abaixo:



Mapa 11 - Carta fonética 1 representando a dimensão monodimensional.
FONTE: Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (1977).

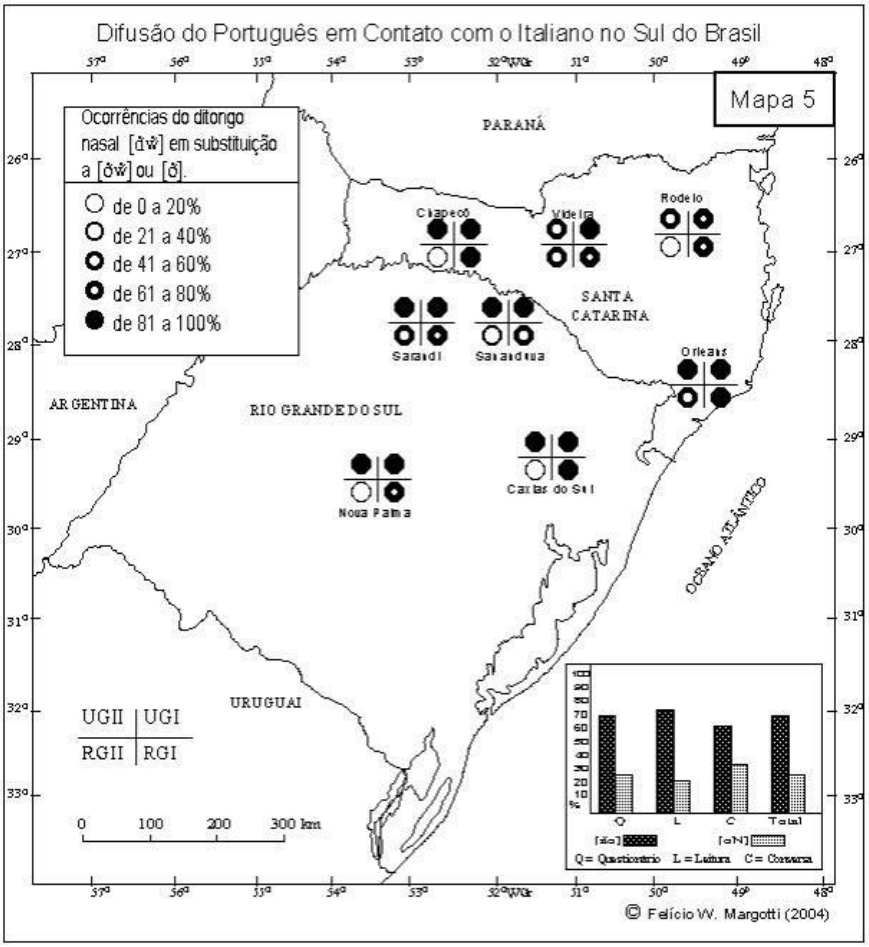


Mapa 12 - Carta Semântico-Lexical 2 representando a dimensão bidimensional. FONTE: Atlas Linguístico do Paraná (1994).



Mapa 13 - Cartograma Semântico-Lexical 112. Representação tridimensional.

FONTE: Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC (2007).



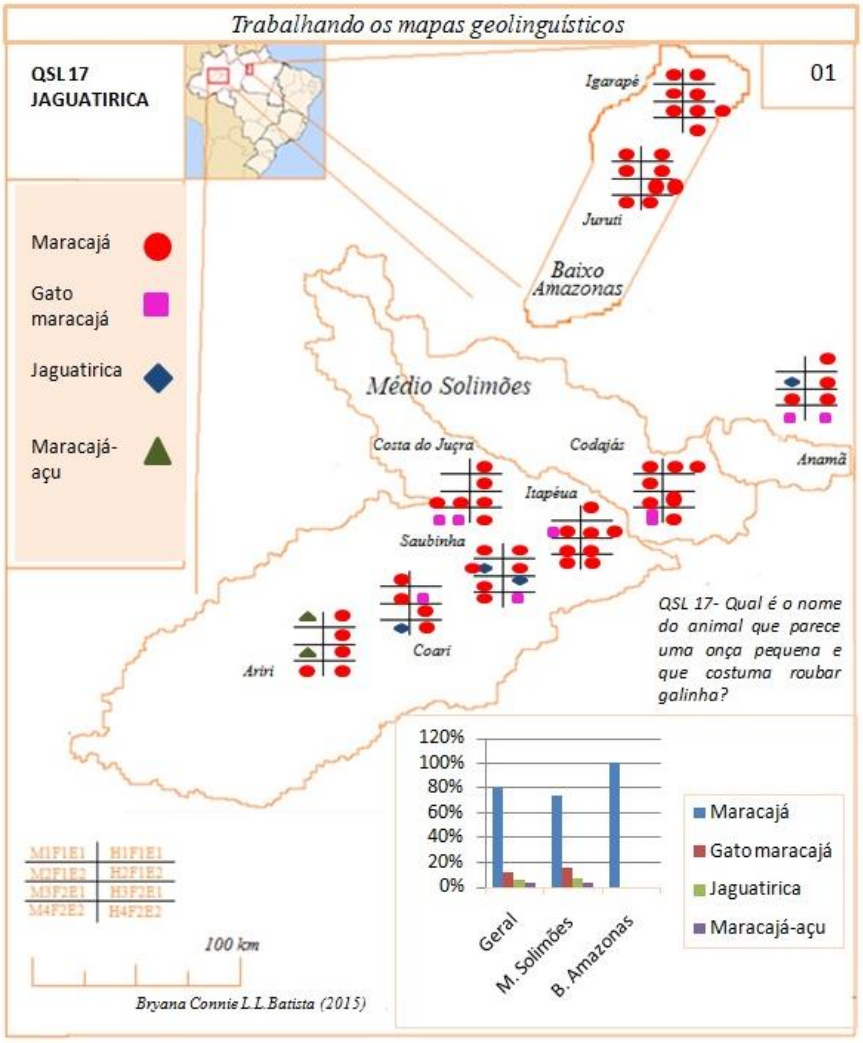
Mapa 14 - Representação pluridimensional.
FONTE: Margotti (2004)

4.1. CARTAS SEMÂNTICO-LEXICAIS DO FALAR AMAZONENSE E PARAENSE

As variações lexicais são caracterizadas pela presença de duas ou mais lexias para o mesmo referente. Na definição de Eugenio Coseriu (1982, apud Brandão, 1991, p.78) carta léxica é o mapa em que se registram as palavras empregadas para expressarem o mesmo conceito, independentemente das variações fônicas, isto é, da pronúncia peculiar comprovada em cada ponto. Segundo pesquisadores, deve haver diferenças no radical dos vocábulos para caracterizar uma variação lexical. No entanto, podemos verificar em alguns casos, a variação fonética como variação lexical em certos vocábulos. Azevedo (2010) declara que para um dialetólogo, o relevante é registrar um item lexical, levando em consideração a perspectiva do falante. Os dados utilizados para a construção dos cartogramas são resultados do questionário aplicado por Azevedo

(2010) na sua tese Aspectos dialetais do português da Região Norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Amazonas (AM) em que analisa as variedades existentes entre as duas regiões. Os vocábulos selecionados fazem parte do questionário semântico-lexical. Eles são relacionados à fauna terrestre, ao corpo humano e ao homem, à pesca e fenômenos naturais. São eles: jaguatirica, lagarto, cuíca, nádegas, lábios, corna, tarrafa, sereno, orvalho, pajiroba, pirão, tipiti, lombriga, oxiúros e tênia.

4.1.1. Carta semântico-lexical: Jaguatirica



Mapa 15: carta semântico-lexical 01
Fonte: própria

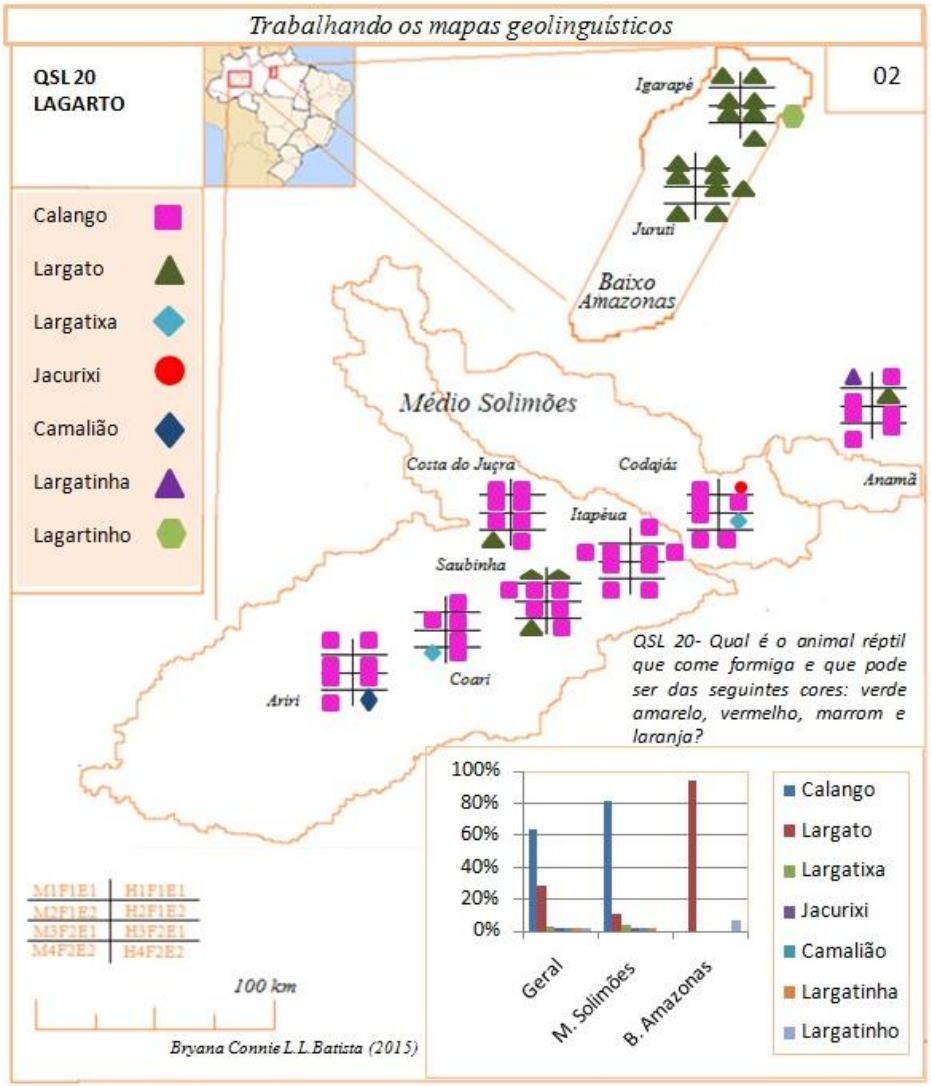
A *jaguatirica* (Felis pardalis ou Leopardus pardalis) é o nome dado ao mamífero quadrúpede que pertence à família dos felídeos e à ordem carnívora. Este felino,

originário do continente americano, pode ser encontrado desde a Costa Rica até a Argentina. Além de jaguatirica, podemos encontrar outros léxicos para denominar este animal, como *maracajá, gato maracajá* e *maracajá-açu*. Na carta semântico-lexical 01 sobressaiu-se no Baixo Amazonas e Médio Solimões a variante *maracajá* com percentual de 80%, seguida por *gato-maracajá* com 12% de ocorrência, *jaguatirica* com apenas 6% de ocorrência e por último *maracajá-açu* com 3% de ocorrência. Além disso, verifica-se que a variante maracajá predomina no sexo masculino, apresentando apenas três ocorrências de gato maracajá e uma ocorrência de jaguatirica, diferente do sexo feminino que apresenta mais ocorrências de outras variantes. Observa-se que nas duas faixas etárias há predominância de maracajá e nos dois grupos de escolaridade também. Houve arealização no Baixo Amazonas, com a realização de 100% da variante maracajá, apesar de ser a mais expressiva no Médio Solimões, esta variante não alcançou arealização.

4.1.2. Carta semântico-lexical: Lagarto

Nome do réptil terrestre que pertence à ordem dos Saurios, este come formiga e pode ser das cores verde amarelo, vermelho, marrom e laranja. Na carta semântico-lexical 02 encontram-se as seguintes variantes: calango, *largato, largatixa, jacurixi, camalião, largatinha e largatinho.* No Médio Solimões observa-se a variante *calango* como predominante na região com o percentual de 81% e no Baixo Amazonas predomina a utilização de *largato* com 94% de ocorrências, *largatixa* apresenta 3% de ocorrências e as variantes *jacurixi, camalião, largatinha e largatinho* são apresentadas com apenas 1% de uso. No Médio Solimões, predomina *calango* tanto para o sexo feminino quanto para o sexo masculino, apesar de predominar essa, também ocorre algumas variações nas duas faixas etárias, predominando entre elas *largato*, ocorrendo o mesmo no que tange os dois grupos de escolaridade. No Baixo Amazonas, há predominância da variante *largato* tanto no sexo masculino quanto no feminino, nas

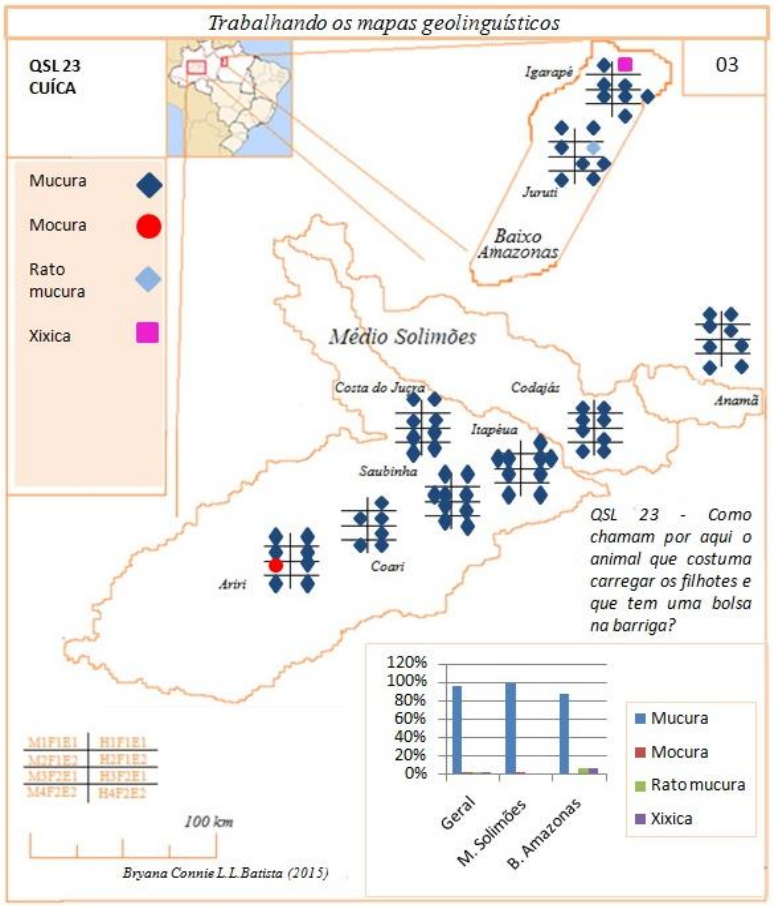
duas faixas etárias e nos dois grupos de escolaridade, apresentando apenas um caso de lagartinho no H3F2E1.



Mapa 16: carta semântico-lexical 02
Fonte: própria

4.1.3. Carta semântico-lexical: Cuíca

Na carta semântico-lexical 03 apresenta-se o léxico *cuíca*, referente ao animal mamífero que costuma carregar os filhotes e que tem uma bolsa na barriga, pertencendo assim a infraclasse marsupial. Na carta, observa-se o percentual de 96% para a variante *mucura*, em seguida 1% para mocura, rato mucura e xixica. No Médio Solimões encontra-se 98% de ocorrências da variante em destaque e no Baixo Solimões o percentual de 88%, demonstrando assim relevância nas regiões. Com relação ao léxico cuíca, não foi identificado nenhuma ocorrência.

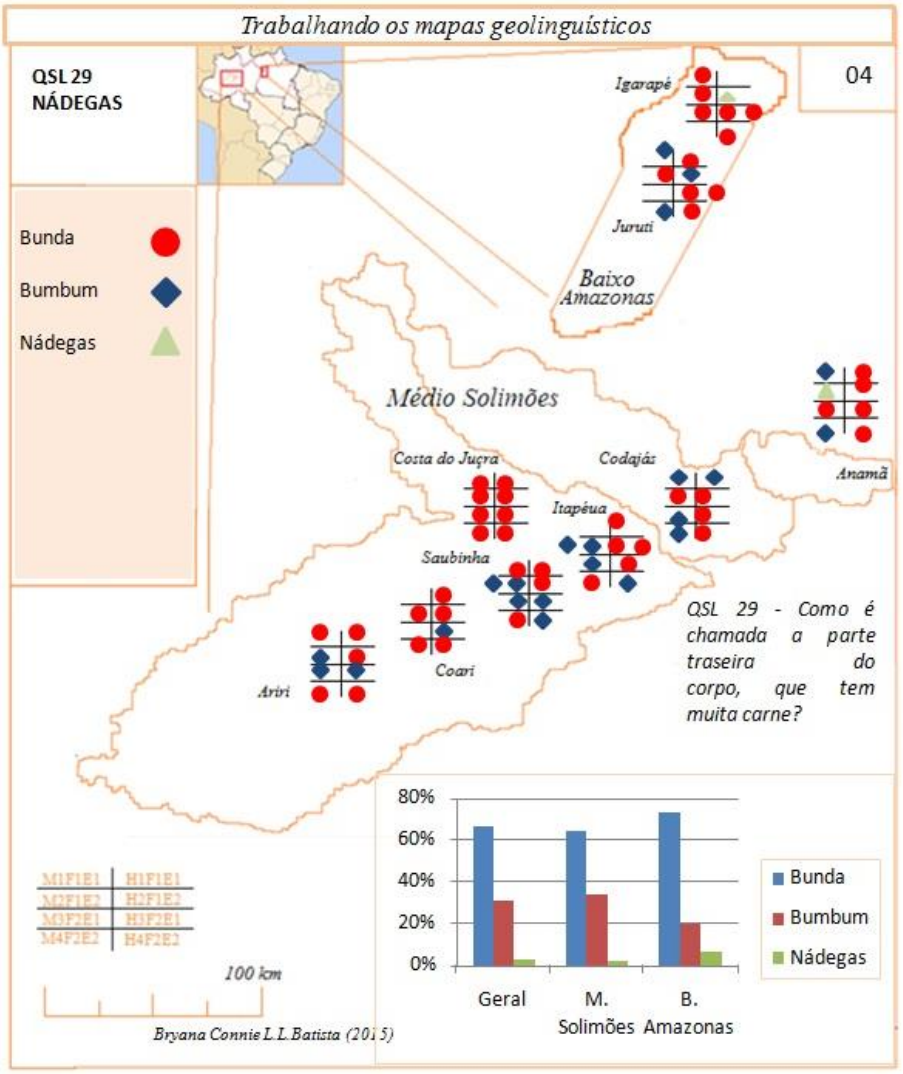


Mapa 17: carta semântico-lexical 03
Fonte: própria

A variante *mucura* predomina tanto no sexo masculino quanto no feminino nas duas regiões, incluindo as faixas etárias e grupos de escolaridade. Destacam-se apenas duas ocorrências de outras variações no sexo masculino, na faixa etária 1 (18 a 30 anos), em níveis de escolaridade diferente.

4.1.4. Carta semântico-lexical: Nádegas

A parte traseira do corpo que mais tem carne é chamada *nádegas*. Na carta semântico-lexical 04 encontra-se *bunda* como a variante mais utilizada com o percentual de 66%, seguida de 31% de ocorrências da variante *bumbum* e somente 3% de ocorrências do uso de *nádegas*. No Baixo Amazonas, encontra-se o maior número de casos com o percentual de 73%, com poucas ocorrências a mais que o Médio Solimões que apresentou 64%.



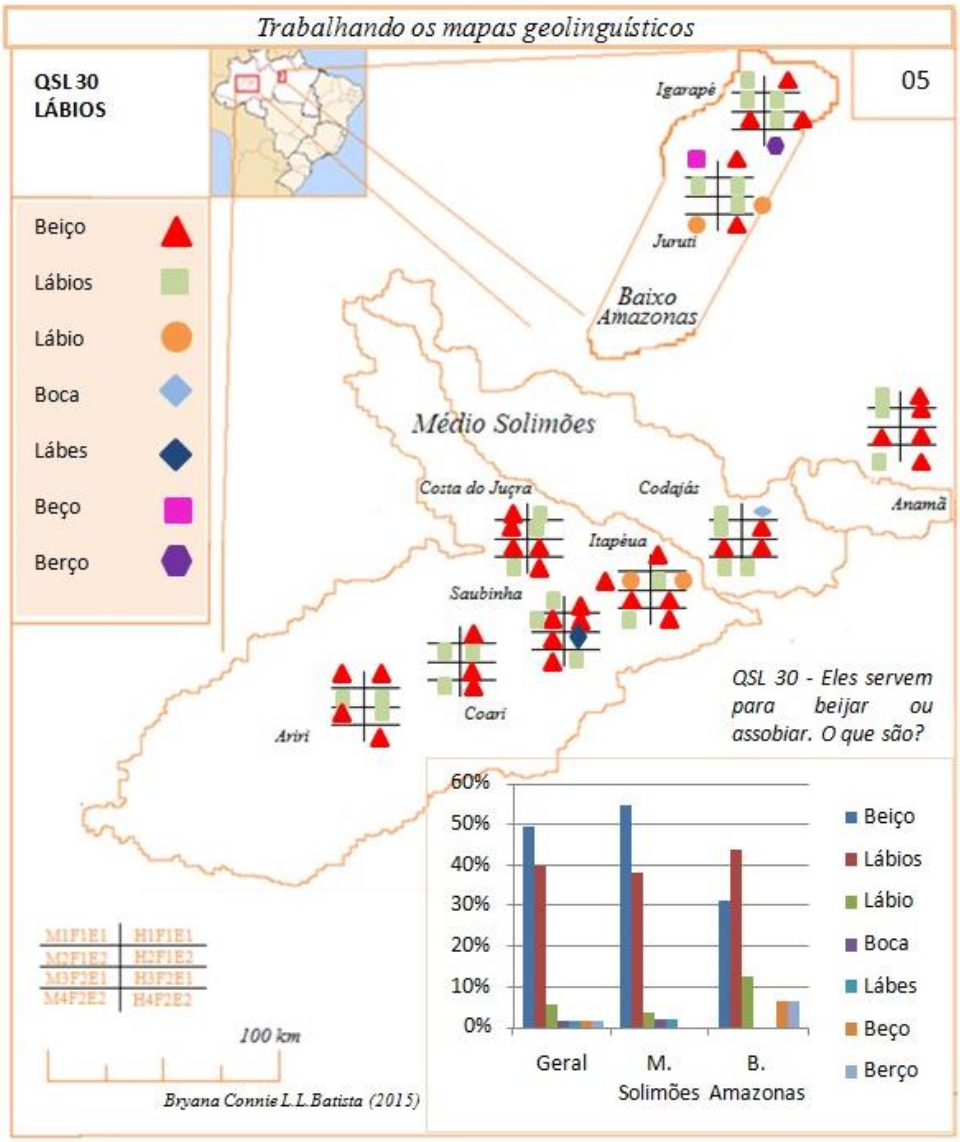
Mapa 18: carta semântico-lexical 04
Fonte: própria

Ocorrem mais variações no sexo feminino, equilibrando nas duas faixas etárias e nos dois grupos de escolaridade. A variante *nádegas* considerada um termo técnico obteve duas ocorrências no mesmo grupo de escolaridade: E2 (acima da 4º série).

4.1.5. Carta semântico-lexical: Lábios

Na carta semântico-lexical 05 verifica-se a parte do corpo que serve para beijar ou assobiar chamada *lábios*. Esta carta apresentou muitas variantes, dentre elas *lábio, boca, lábes, beço e berço*, mas a que mais predominou foi *beiço* com 49% de uso. No Médio Solimões ela é predominante com o percentual de 55%, diferente do Baixo

Amazonas onde se verifica 44% de ocorrências de *lábios*.



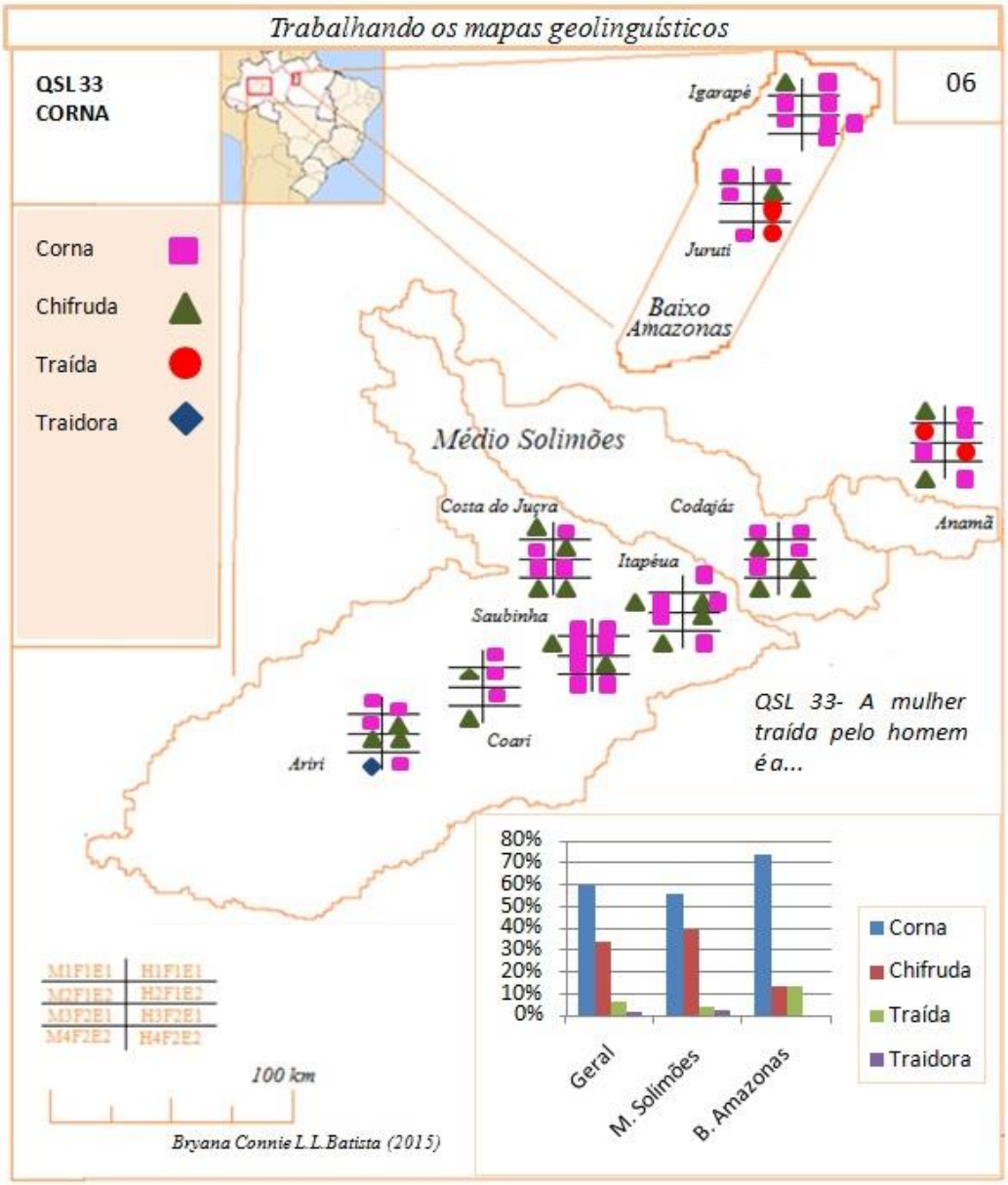
Mapa 19: carta semântico-lexical 05
Fonte: própria

Entre as mulheres destaca-se a variante *lábios*, quanto ao gênero masculino ocorre mais variação. Na faixa etária 2 (50 a 65 anos) destaca-se mais a variante *beiço*, além disso, essa mesma variante tem predominância nos grupos de escolaridade E1 (analfabeto ou até 4º série) e E2 (acima da 4º série).

4.1.6. Carta semântico-lexical: Corna

Na carta semântico-lexical 06 constata-se o léxico *corna*, que é utilizado para a mulher que é traída pelo homem. Além desse, encontram-se as variantes *chifruda, traída e traidora*. Há predominância do uso de *corna* com o percentual de 59%, em

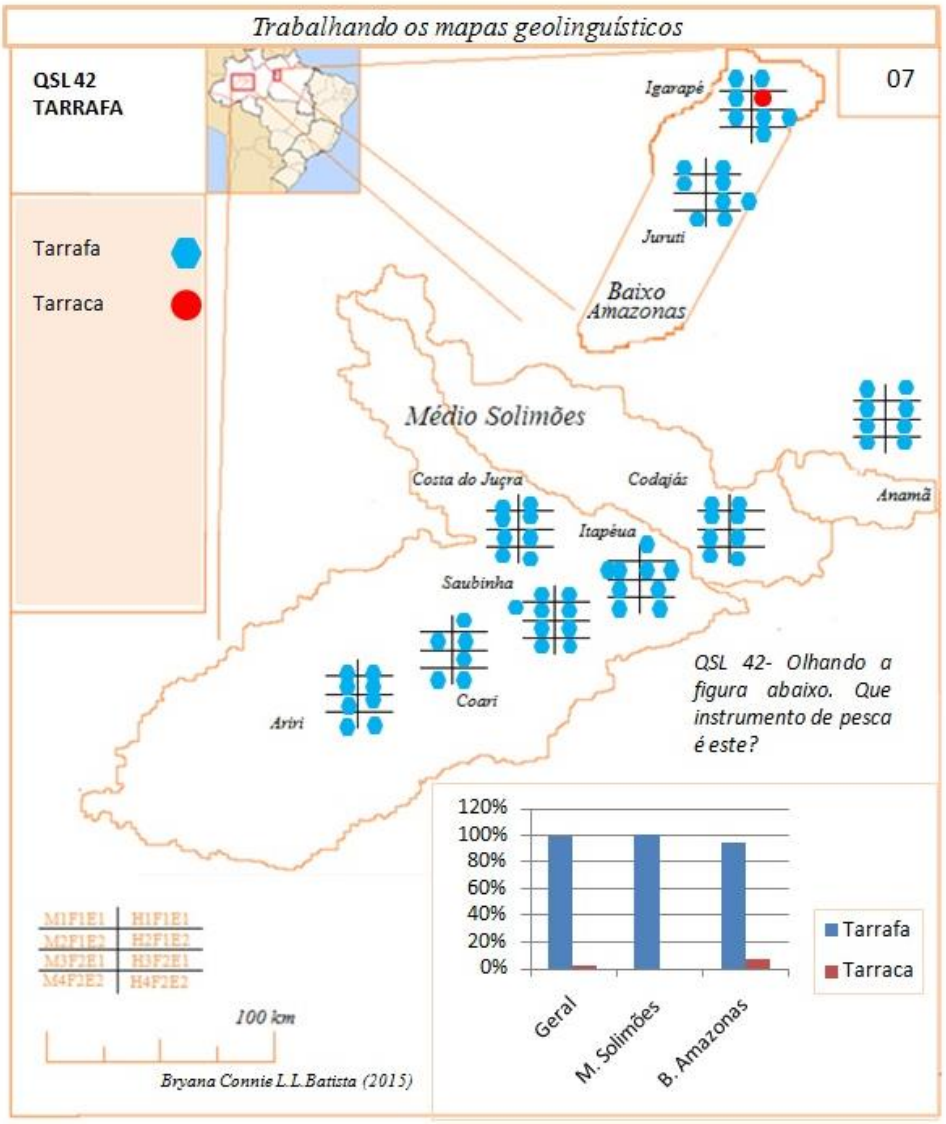
seguida *chifruda* com 33% de ocorrências, *traída* com 6% e o uso de *traidora* com apenas 1%.



Mapa 20: carta semântico-lexical 06
Fonte: própria

Os sexos masculino e feminino utilizam mais *corna* do que *chifruda*, predominante na faixa etária 1 (18 a 30 anos), predominante nos dois grupos de escolaridade.

4.1.7. Carta semântico-lexical: Tarrafa

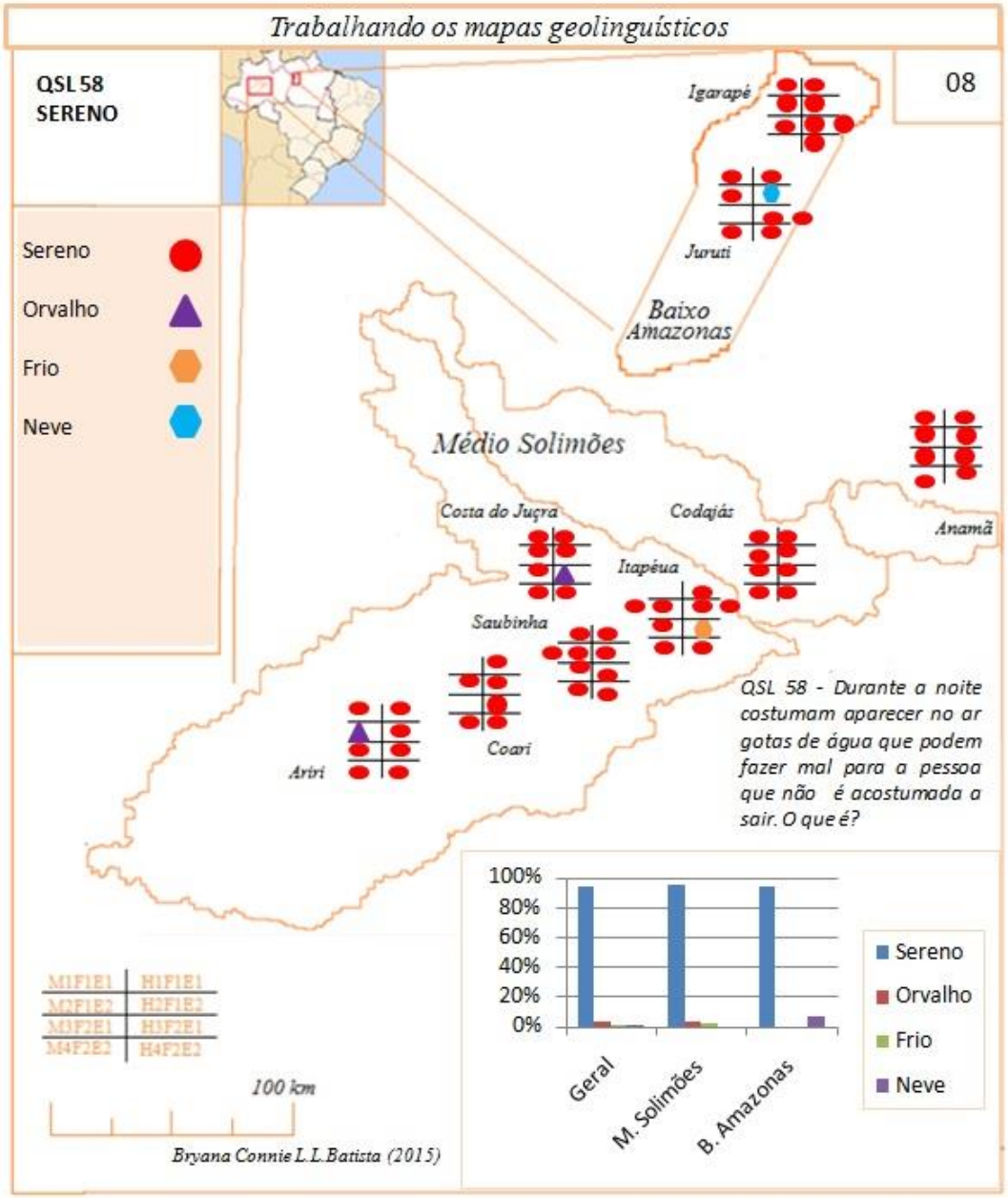


Mapa 21: carta semântico-lexical 07
Fonte: própria

É uma espécie de rede de pesca com chumbos nas bordas. Na carta semântico-lexical 07 nota-se a predominância da variante *tarrafa* tanto no Baixo Amazonas apresentando 94% de ocorrências, como no Médio Solimões constatando o percentual de 100% de uso, apenas nesta região ocorreu arealização do léxico. No Médio Solimões identifica-se a utilização da variante *tarraca* no município de Igarapé, representando apenas 1% de uso. Essa variante foi predominante tanto no sexo masculino, quanto no feminino, nas duas faixas etárias e nos dois grupos de escolaridade. Somente houve uma ocorrência diferente em um informante do sexo masculino, da faixa etária 1 (18 a 30

anos) e do grupo E2 (acima da 4º série).

4.1.8. Carta semântico-lexical: Sereno

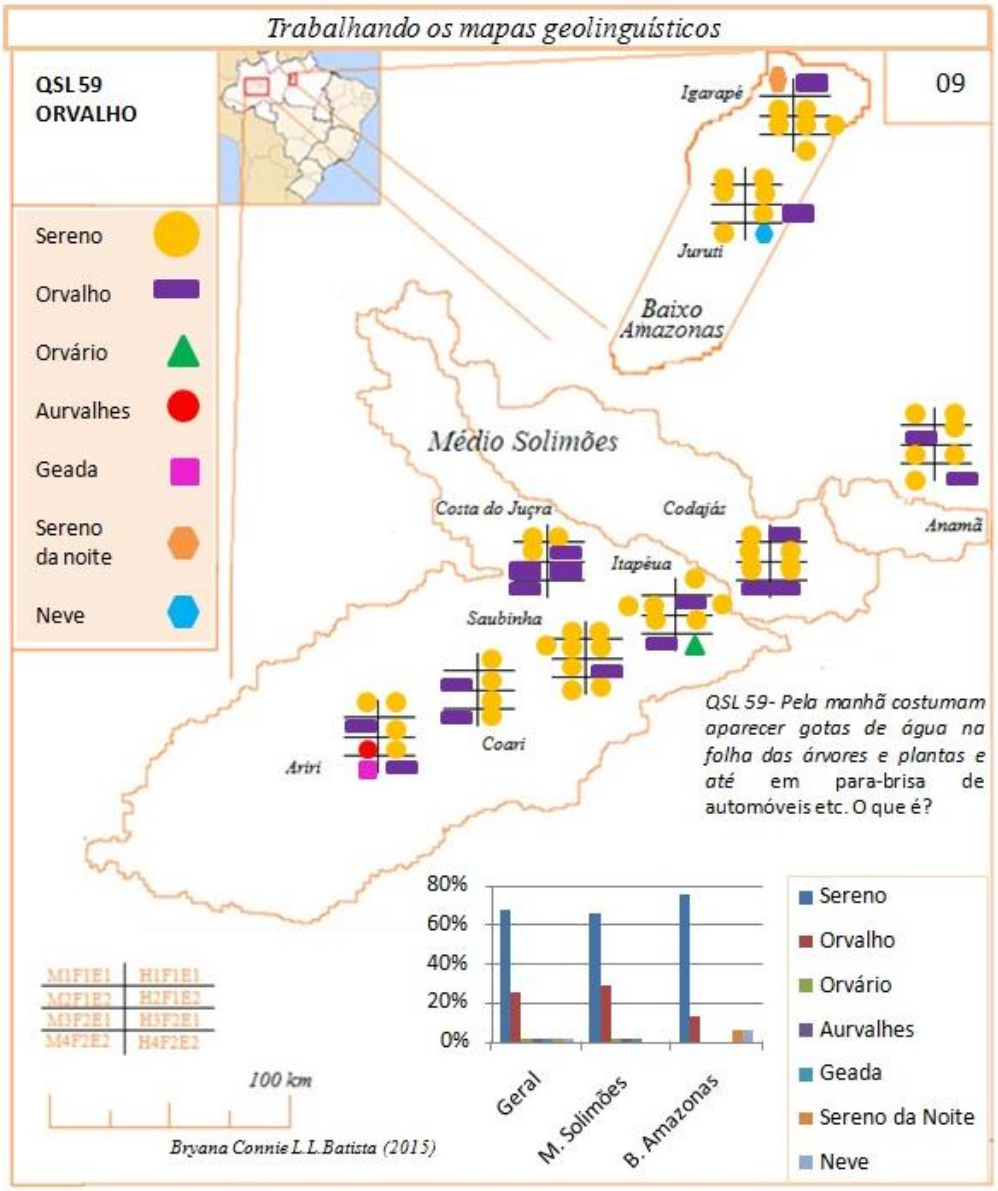


Mapa 22: carta semântico-lexical 08
Fonte: própria

São gotas de água que costumam aparecer durante a noite e que podem fazer mal para pessoas que não são acostumadas a sair. Na carta semântico-lexical 08 há predominância do léxico *sereno* com 95% de ocorrências, além desta, foram identificadas as variantes *orvalho* com o percentual de 3% de ocorrência, seguida de *frio* e *neve* com apenas 1%.Há predominância do variante *sereno* tanto do sexo feminino

quanto do masculino, nas duas faixas etárias e nos dois grupos de escolaridade.

4.1.9. Carta semântico-lexical: Orvalho

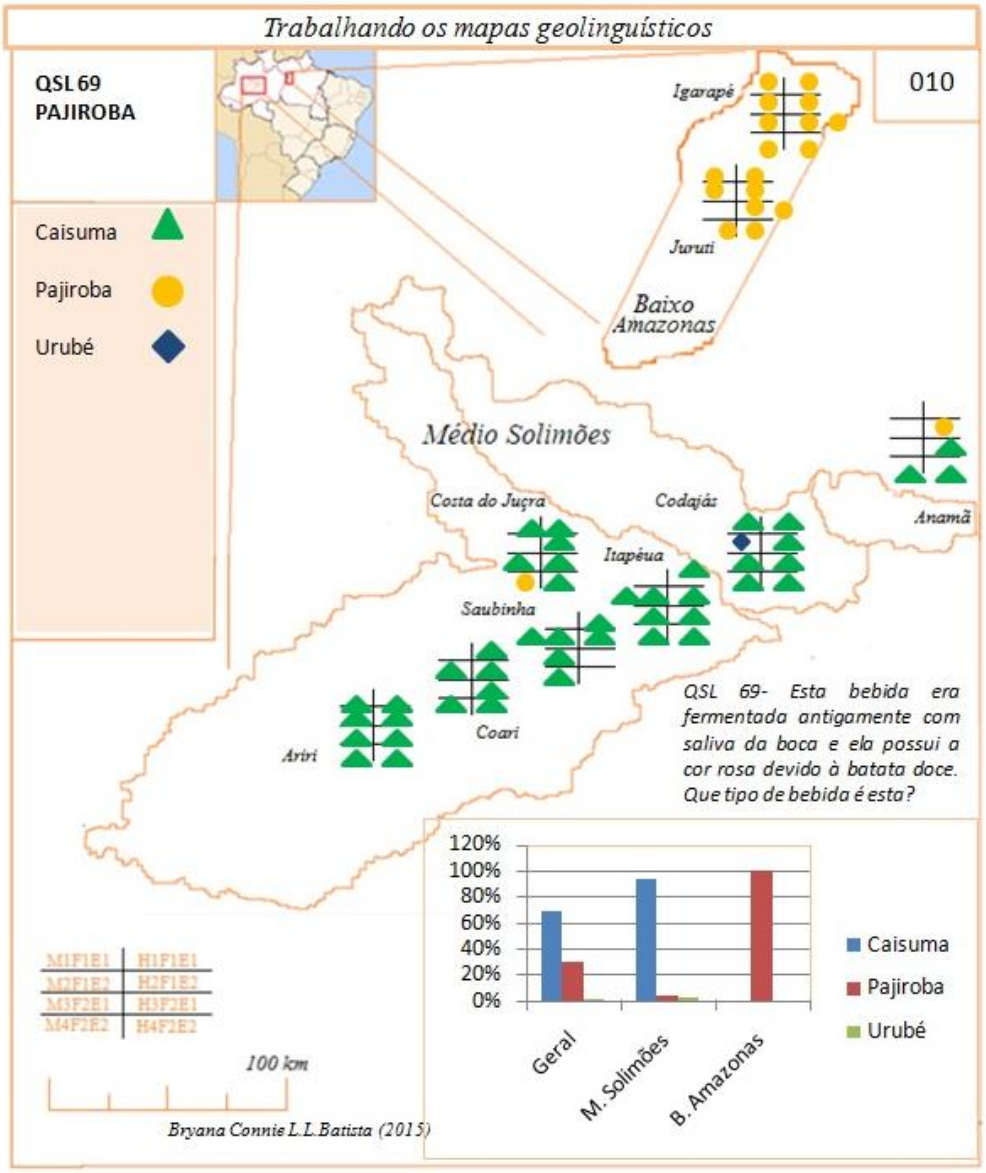


Mapa 23: carta semântico-lexical 09
Fonte: própria

Gotas de água que costumam aparecer pela manhã nas folhas das árvores e plantas e até em para-brisas de automóveis. Podemos encontrar na carta semântico-lexical 09 as variantes *sereno, orvalho, orvário,aurvalhes, geada, sereno da noite e neve.* A variante *sereno* apresenta-se com predominância de 68%, em seguida *orvalho* com 25% de ocorrências e *orvário,aurvalhes, geada, sereno da noite e neve* somente

com 1% de ocorrências. A variante *orvalho* é predominante no sexo masculino, principalmente na faixa etária 1 (18 a 30 anos), abrangendo principalmente o grupo E2 (acima da 4º série).

4.1.10. Carta semântico-lexical: Pajiroba



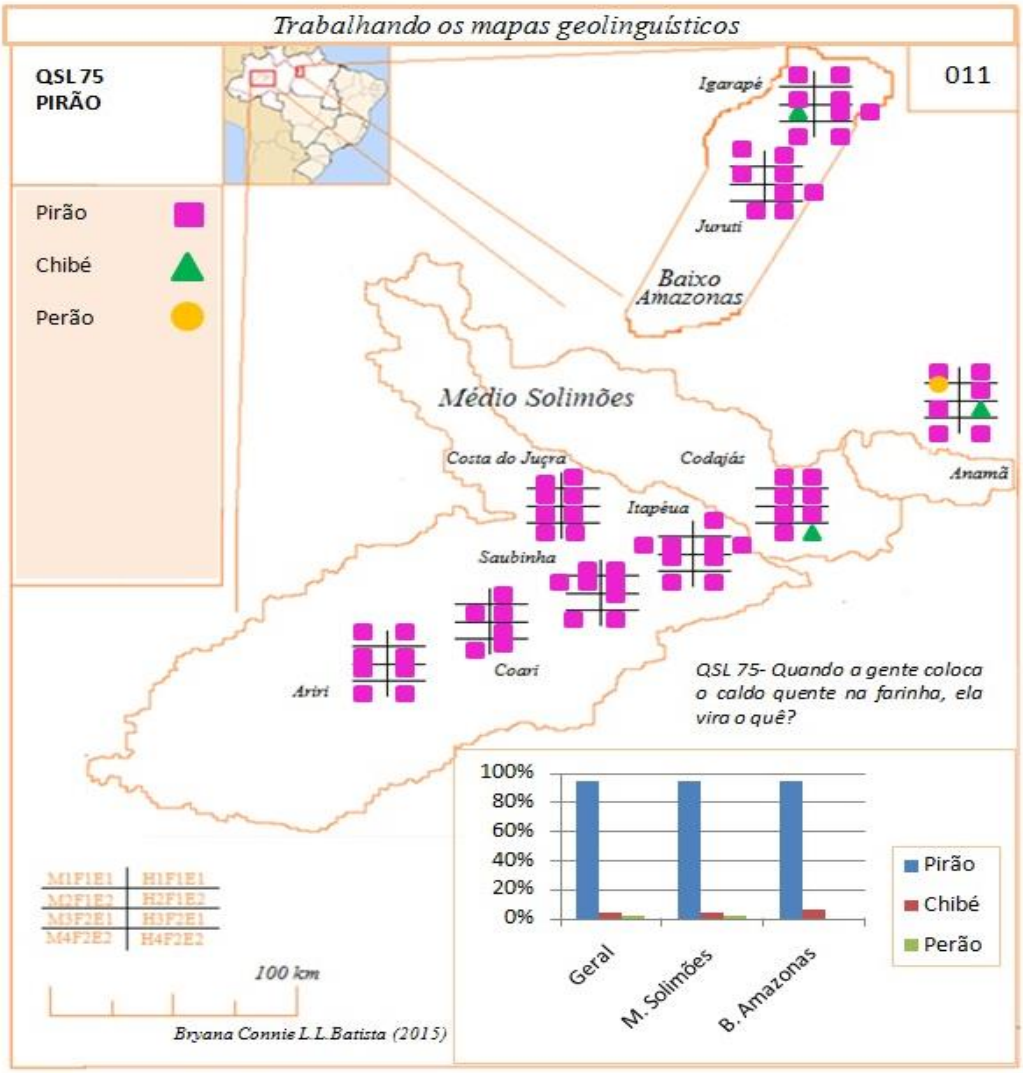
Mapa 24: carta semântico-lexical 10
Fonte: própria

Esta bebida era fermentada antigamente com saliva da boca e ela passou a cor rosa devido à batata doce. Na carta semântico lexical 10 observa-se no Baixo Amazonas a predominância da variante *pajiroba* com o percentual de 100% de uso, constatando o caso de arealização. No Médio Solimões há predominância da variante *caisuma* com o percentual de 94% de utilização, sendo identificadas também as variantes *pajiroba* e

urubé na região catalogada.

No Médio Solimões, a variante *caisuma* predomina em ambos os sexos, nas duas faixas etárias e nos dois grupos de escolaridade, somente encontraremos três ocorrências de variações, duas femininas, a variante *pajiroba* da faixa etária 2 (50 a 65 anos), do grupo E2 (acima da 4º série) e a variante *urubé* da faixa etária 1 (18 a 30 anos), também do grupo E2. Apenas um informante do sexo masculino, da faixa etária 1 e do grupo E2 pronunciou *Pajiroba*. No Baixo Amazonas predominou *Pajiroba* em ambos os sexos, das duas faixas etárias e dos dois grupos de escolaridade.

4.1.11. Carta semântico-lexical: Pirão

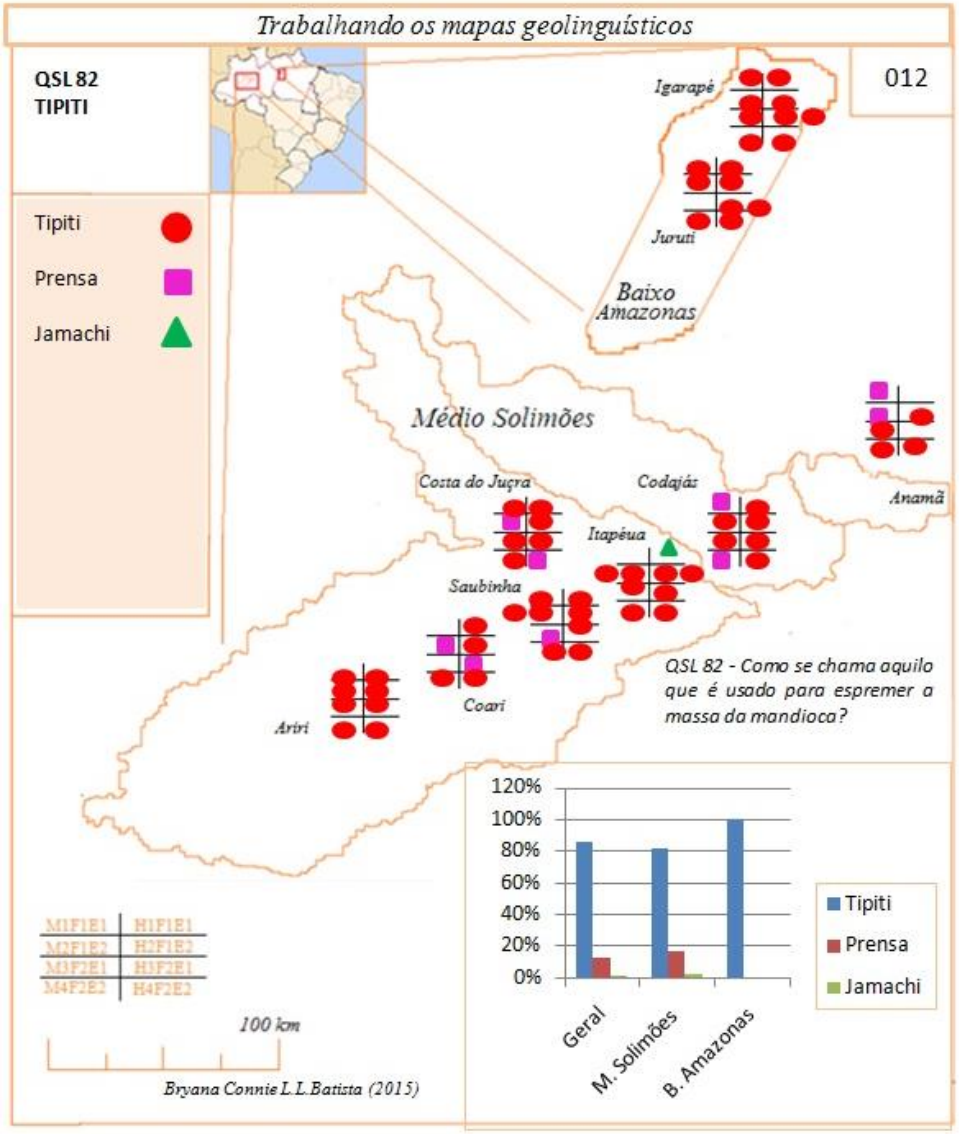


Mapa 25: carta semântico-lexical 11
Fonte: própria

É chamada assim, a mistura de caldo quente e farinha. Na carta semântico-

lexical 11 constata-se a predominância da variante pirão com o percentual de 94% de ocorrências, seguida de chibé com 4% de utilização e perão com apenas 1%. A variante pirão predominou em ambos os sexos, somente alguns casos de variação como chibé que ocorreram dois casos no masculino, da faixa etária 2 (50 a 65 anos), um do grupo E1 (analfabeto ou até 4º série) e um do E2 (acima da 4º série) e um caso do sexo feminino da faixa etária 2 e do grupo E1. Além do perão que foi ocorrência no feminino, na faixa etária 1, do grupo E2 também.

4.1.12. Carta semântico-lexical: Tipiti

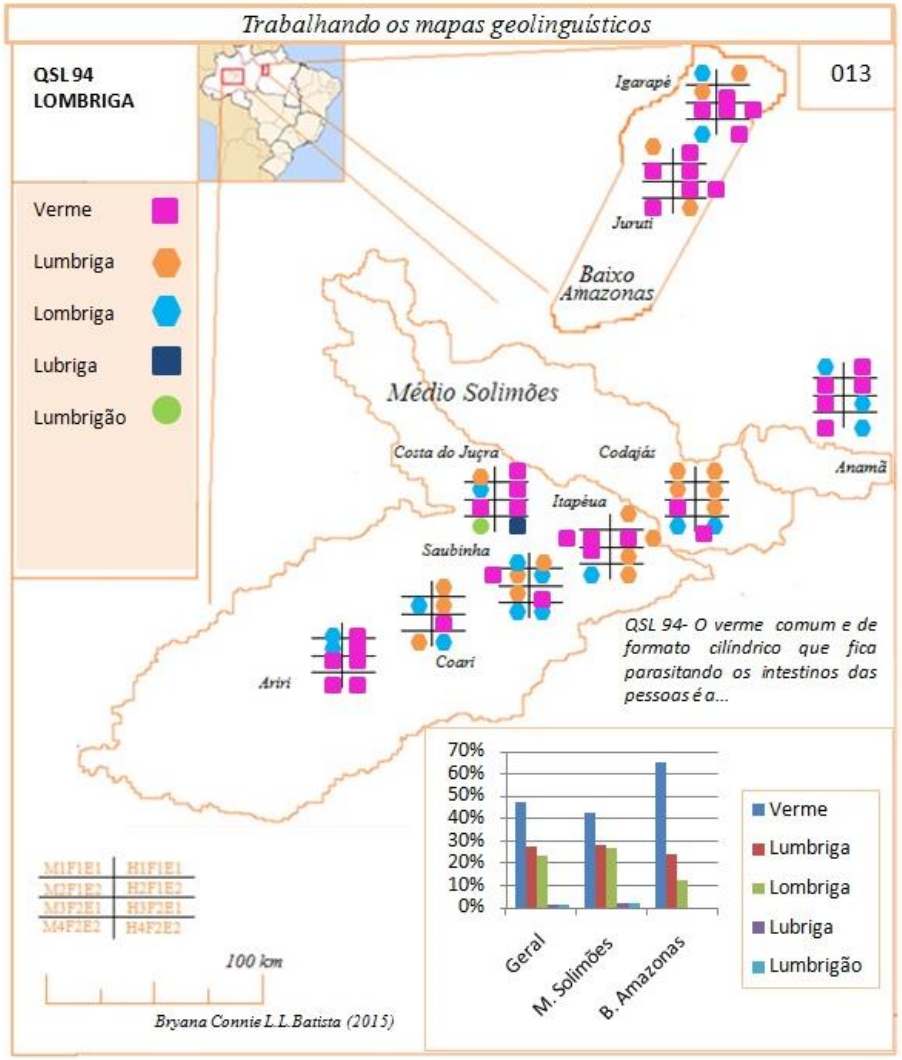


Mapa 26: carta semântico-lexical 12
Fonte: própria

É uma espécie de prensa ou espremedor de palha trançada usado para

escorrer e secar a mandioca ralada. Na carta semântico-lexical 12 a variante *tipiti* predomina com 100% de ocorrências no Baixo Amazonas, ocorrendo o fenômeno de arealização. No Médio Solimões constata-se o percentual de 81%, seguida da variante *prensa* com 17% de uso e da variante *Jamachi* com apenas 2% de ocorrências. O variante *tipiti* predomina em ambos os sexos, mas a variante *prensa* predomina no sexo feminino, da faixa etária 1, do grupo E2. Registra-se também o caso de *Jamachi*, de um informante masculino, da faixa etária 1 (18 a 30 anos), do grupo E1 (analfabetos ou até 4º série).

4.1.13. Carta semântico-lexical: Lombriga

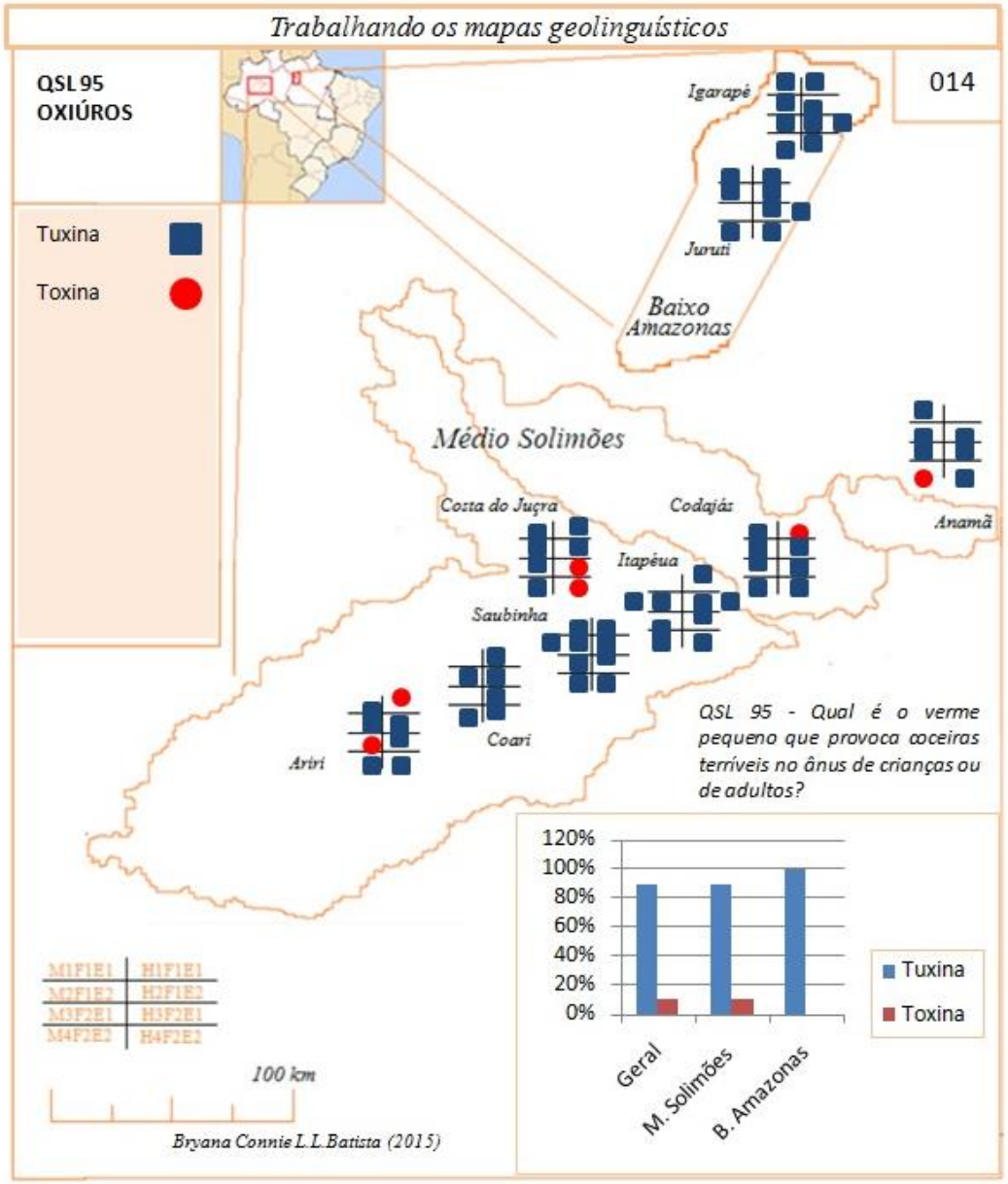


Mapa 27: carta semântico-lexical 13
Fonte: própria

Lombriga é o verme comum e de formato cilíndrico que fica parasitando os

intestinos das pessoas. Na carta semântico-lexical 13 a variante *verme* é a que mais predomina com 47% de ocorrências, seguida de *lumbriga* com o percentual de 27%, *lombriga* com 23% de ocorrências, *lubriga* e *lumbrigão* com apenas 1% de uso. A variante *verme* em destaque predomina na faixa etária 1, no sexo masculino, no grupo E1.

4.1.14. Carta semântico-lexical: Oxiúrus



Mapa 28: carta semântico-lexical 14
FONTE: própria

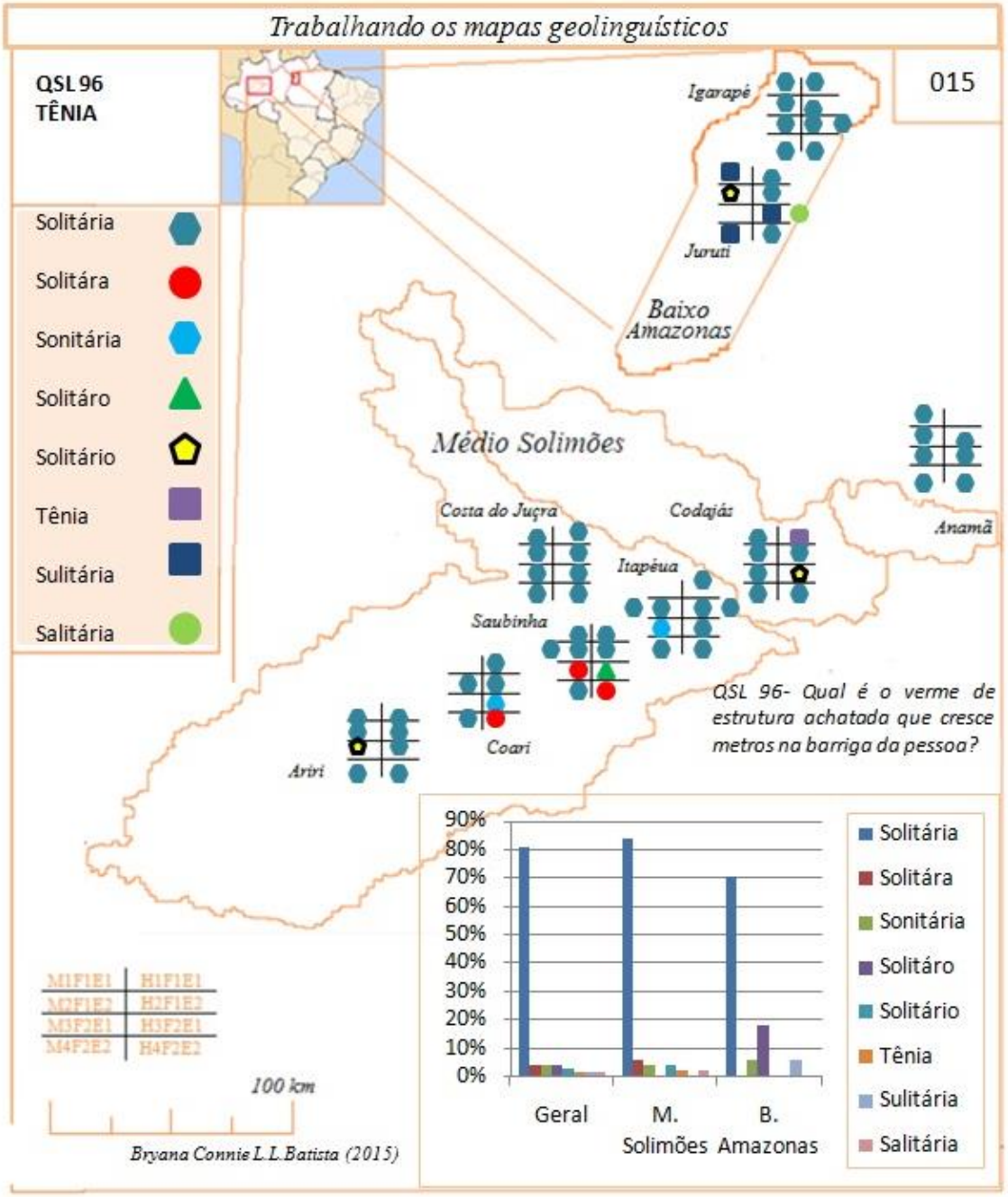
Oxiúros é o verme pequeno que provoca coceiras terríveis no ânus de

crianças ou de adultos. Na carta semântico-lexical 14 prevaleceu no Baixo Amazonas a variante tuxina com 100% de ocorrências, constatando arealização na região. No Médio Solimões essa variante também se destacou com 89% de realização, seguida do percentual de 11% da variante toxina. A variante oxiúros não foi detectada em nenhum informante, visto que trata-se de um léxico mais técnico.

Observa-se a predominância da variante *tuxina* em ambos os sexos, nas duas faixas etárias e nos dois grupos de escolaridade. Apenas identifica-se a variante *toxina*, principalmente no sexo masculino, nas duas faixas etárias e nos dois grupos de escolaridade. No sexo feminino identifica-se dois casos: um na faixa etária 2, no grupo escolar E1 e o segundo na faixa etária 1 também no grupo escolar E1.

4.1.15. Carta semântico-lexical: Tênia

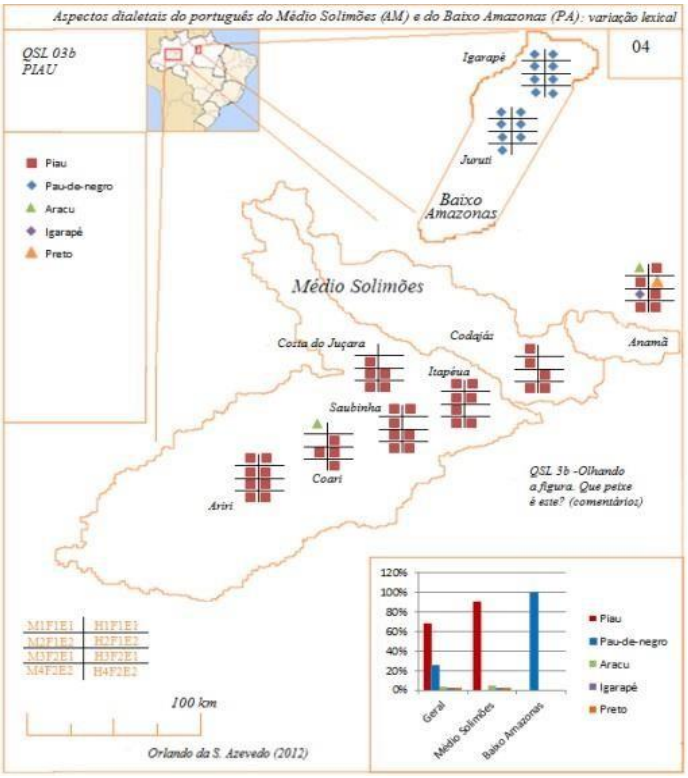
Tênia é o verme que possui uma estrutura achatada que cresce metros na barriga da pessoa. Na carta semântico-lexical 15 a variante que mais se destaca é a *solitária* com o percentual de 81% de ocorrências, com 4% de ocorrências constatam-se *solitára*, *sonitária* e *solitáro*, em seguida encontra-se *solitário* com 3% de utilização, *sulitária e salitária* com o percentual de 1% de ocorrência. A variante em destaque predomina no sexo masculino, em ambas faixas etárias e nos dois grupos escolares.



Mapa 28: carta semântico-lexical 14
FONTE: própria

5. AREALIZAÇÃO EM NÍVEL LEXICAL EM ALGUMAS LOCALIDADES DO ESTADO DO AMAZONAS E DO PARÁ

Margotti (2004) esclarece que arealização é a ocorrência de uma variante em vários pontos, principalmente dos vizinhos, o que aumenta a probabilidade de representação geográfica. Afinal, entende-se por área uma reunião de ponto que apresentem o mesmo traço linguístico que distingue das outras áreas, no caso, a arealização é a demarcação dessas áreas. Na tese de Azevedo (2013) apresenta-se um caso de arealizaçao em nível lexical. O léxico *pau-de-negro*, que é uma das variedades do peixe aracu, é chamado nos municípios de Juruti e Igarapé (Pará) de pau-de-negro onde se registra 100% das ocorrências, mas nos municípios de Ariri, Coari, Saubinha, Itapéua, Costa da Juçura, Codajás e Anamã (Amazonas) registra-se *piau* com 91% de ocorrência, seguido por 5% da variante *aracu*, 2% cada de *igarapé* e de *preto*. Portanto, observa-se arealização com variantes específicas no Amazonas e no Pará, conforme Mapa 29, abaixo:



Mapa 29- Arealização no Amazonas e Pará.
FONTE: Azevedo (2013)

Quanto à arealização de determinadas variantes dos mapas confeccionados nesta pesquisa, ao todo foram cinco cartas apresentando esse fenômeno no Baixo Amazonas ou Médio Solimões. Além disso, podemos destacar a arealização em alguns pontos de inquérito como nos vocábulos *lagarto* (carta semântico-lexical 02), *cuíca* (carta semântico-lexical 03), *nádegas* (carta semântico-lexical 04), *tarrafa* (carta semântico-lexical 07), *sereno* (carta semântico-lexical 08), *pajiroba* (carta semântico-lexical 10), *pirão* (carta semântico-lexical 11), *tipiti* (carta semântico-lexical 12), *oxiúros* (carta semântico-lexical 14) e *tênia* (carta semântico-lexical 15). Houve predominância de ambos os sexos, prevalência das duas faixas etárias F1 (18 a 30 anos) e F2 (50 a 65 anos) e dos dois grupos de escolaridade E1 (analfabeto ou até a 4º série) e E2 (acima da 4º série). A descrição dos mapas confeccionados só enfatiza a importância de catalogar as variedades do português brasileiro, mais precisamente, do Amazonas e assim descobrir a riqueza de léxicos do português brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, tínhamos como objetivos de pesquisa apresentar os componentes de um cartograma linguístico, apresentar mapas de várias dimensões produzidos em Teses e Dissertações no Brasil, elaborar mapas pluridimensionais sobre o falar do amazonense constante na literatura local e verificar se ocorre arealização em nível lexical (ou em nível fonético) em algumas localidades de Estado do Amazonas, todos estes atingidos em nosso percurso. Os mapas representam o falar amazonense e o falar paraense. Os dados para compor as cartas foram retirados dos resultados de um questionário realizado por Azevedo (2013). A elaboração dessas cartas é importante para a apresentação da variedade linguística presente no estado do Amazonas. A pesquisa dialetológica revela a diversidade linguística existente na região, apotando as grandes mudanças que o falante faz em sua própria língua. Essa

pesquisa é apenas uma contribuição para os trabalhos dialetológicos no Amazonas. É uma forma simples de compreender as variedades lexicais de nosso estado e do Pará.

Como o objetivo maior de mostrar sua impotância, finaliza-se a pesquisa afirmando que os mapas geolinguísticos são ferramentas importantes para o pesquisador que estuda a linguagem nas dimensões diatópicas (lugar geográfico), diageracional (entre os falantes mais novos e mais velhos), diagenéricas (entre homens e mulheres), diastrática (falantes com graus de escolaridade diferentes), entre outras, pois contribuem no mapeamento dos diversos dialetos falados em cada região de um determinado território. No Brasil, por exemplo, sua importância está relacionada à contribuição de uma melhor compreensão do português brasileiro. Cardoso (2010) aponta o percurso realizado pela geolinguística, explicando a cartografia das informações desde a exclusividade diatópica até o reconhecimento de informações complementares, cada apresentação dos dados relacionados à sua época e suas prioridades.

> É de registra-se, ainda, o interesse crescente pelos estudos dialetais que se vem refletindo, sobretudo, na produção de dissertações de mestrado e teses de doutorado e na iniciativa de realização de atlas regionais, o que revela uma tendência para o levantamento, a descrição e a análise do português brasileiro que vão permitir um real conhecimento da língua majoritariamente falada no país. (Cardoso, 2010, p.175)

Sendo assim, nosso país avança aos poucos nos estudos geolinguísticos, estudar nossa língua pressupõe estudar nossa própria história, nossa variedade linguística vem sendo construída e desenvolvida por meio desses estudos. Essa pesquisa teve como objetivo maior contribuir ainda mais na continuação dos estudos dialetais.

FONTES E REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A geolinguística no Brasil:** estágio atual. Revista da ABRALIN, v. 5, n. 1 e 2, p. 215-238, dez. 2006. Disponível: <www.abralin.org/revista/
RV5N1_2/RV5N1_2_art10.pdf>. Acesso em: 19 agosto 2014.

_____. Vanderci Andrade (org.). **A Geolinguística no Brasil:** caminhos e perspectivas. Londrina: Ed. UEL, 1998.

_____. **Atlas Lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo; KOCH, Walter (orgs.) et al. ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS).
Volume1: Introdução; Volume 2: Cartas Fonéticas e Cartas Morfossintáticas. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC; Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

AMARAL, A. **O dialeto caipira:** gramática e vocabulário. 4 ed. São Paulo: Saraiva, 1955 [1920].

ARAGÃO, Maria do Socorro S.; MENEZES, Cleusa P.B. **Atlas linguístico da Paraíba**. Cartas léxicas e fonética. V.1 Brasília: CNPq/UFPB, 1984.

AUGUSTO, Vera Lúcia Dias dos Santos. **Atlas semântico-lexical do Estado de Goiás**. 2012. 650f. Tese (doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

AZEVEDO, Orlando da Silva. **Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil:** um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM). Tese defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

BARBOSA, Quezia Maria Reis de Oliveira. **Um perfil lexical do português falado em comunidades quilombolas em Barreirinha (AM):** um estudo dialetológico. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BRITO, Roseanny de Melo. **Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM**. 2010. Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas.

CARDOSO, Suzana Alice; MOTA, Jacyra Andrade. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil:** antecedentes e estágio atual. Revista Alfa, São Paulo, 56, 2012. Disponível: < http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/4924/4364>. Acesso em: 24 agosto 2014

_____. **Geolinguística: tradição e modernidade.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CORREA, Hydelvídia Cavalcante de Oliveira. **O Falar do caboco amazonense:** aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves. 1980 – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

CRISTIANINI, A. C. **Atlas semântico-lexical da região do Grande ABC**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas linguístico do Amazonas - ALAM**. 2004. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ENCARNAÇÃO, Márcia Regina Teixeira da. **Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do Litoral Norte de São Paulo**. 2010. 741f. Tese (doutorado em linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

JUSTINIANO, Jeiviane dos Santos. **Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARiN**. 2012. 103f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas.

MAIA, Edson Galvão. **A realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá**. 2012. 150f. Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão Sócio-Geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. Tese defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

_____. **Geolinguística pluridimensional:** desafios metodológicos. Anais do Centro de Estudos Linguísticos do Sul - CELSUL, 2008.

NASCENTES, A. **O Linguajar Carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953 [1922].

OLIVEIRA, Dercir Pedro de (Org.). **Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

PHILIPPSEN, Neusa Inês. **A constituição do léxico norte mato-grossense na perspectiva geolinguística:** abordagens sócio-semântico-lexicais. 2013. 1075f. Tese (doutorado em letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

RIBEIRO, José. et al. **Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro, MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa / Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977. v. 1.

ROMANO, Valter Pereira. **Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão**. W2Revista Entretextos, Londrina, v.13, nº02, p. 203-242, jul./dez.2013. Dispo nível:<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/16388>. Acesso em: 02 setembro 2014

SILVA, Moisés Batista da. **Atlas linguístico do centro-oeste potiguar**. 2012. 327f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza.

SILVEIRA, Roseli da. **Estudo sociogeolinguístico do município de Iguape:** aspectos semântico-lexicais. 2009. Dissertação (mestrado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo.

SOARES, Rita de Cássia da Silva. **Atlas semântico-lexical da Região Norte do Alto Tietê (ReNAT) – São Paulo**. 2012. 664f. Tese (doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo.

TAKANO, Yuko. **Esboço do atlas do falar dos Nipo-Brasileiros do Distrito Federal:** aspecto semântico-lexical. 2013. Tese (doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

TORRES, Francinery Gonçalves Lima. **A realização das variantes palatais 'lh' e 'nh' nos municípios de Itapiranga e Silves (parte do Médio Amazonas)**. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia - Linha de Pesquisa I: Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais – Universidade Federal do Amazonas).

VIOLA, Wanderleia Silva Carvalho. **O léxico guiratinguense na perspectiva dialetológica:** aspectos semântico-lexicais. 2010. Dissertação (mestre em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.